

TATIANA LUIZA SOUZA COELHO

**CONTORNOS DO FEMINISMO SOB OS TRAÇOS DE ZIRALDO NO
PASQUIM (1969-1979).**

Goiânia, 08 de dezembro de 2015.

TATIANA LUIZA SOUZA COELHO

**CONTORNOS DO FEMINISMO SOB OS TRAÇOS DE ZIRALDO NO
PASQUIM (1969-1979).**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em História Cultural da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito à obtenção do título de Mestre em História e História Cultural Poder e Representações.

Goiânia

Dezembro de 2015.

C672c Coelho, Tatiana Luiza Souza
Contornos do Feminismo sob os traços de Ziraldo no
Pasquim (1969-1979) [manuscrito] / Tatiana Luiza Souza
Coelho.-- 2015.
87 f.; il.; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês.

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação STRICTO
SENSU em História, Goiânia, 2015

Inclui referências, f. 86-87

1. Ziraldo, 1932. 2. Feminismo - Imagem - Gênero.
3. Identidade. I. Cavalcante, Maria do Espírito Santo
Rosa. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 305-055.2(043)

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM HISTÓRIA DEFENDIDA EM
08 (OITO) DE DEZEMBRO DE 2015 (DOIS MIL E QUINZE) E

Aprovada PELA BANCA EXAMINADORA.



Profa. Dra. Maria do Espírito Santo R. Cavalcante /PUC Goiás
(Presidente)



Profa. Dra. Maria José Pereira Rocha / (Membro) PUC Goiás



Profa. Dra. Ana Carolina Eiras Coelho Soares / (Membro) UFG

Profa. Dra. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto / (Suplente) PUC
Goiás

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho àqueles que me primeiro ensinaram a construir minha própria história, meus pais Francisco e Ellen que me apoiaram incondicionalmente em toda minha trajetória. Depois deles meus irmãos Luciano e Adriano sempre presentes em minhas conquistas e derrotas. Junto com eles meus grandes amigos, Diogo e Lorena que de mãos dadas me fizeram mais forte. A Acher Andre pelo carinho dedicado nos momentos difíceis. A Anne pela amizade e atenção constante. A todos que pacientemente, abraçaram minhas crenças e acreditaram na possibilidade e realização deste trabalho.

Meus sinceros agradecimentos à FAPEG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás) por possibilitar e viabilizar essa dissertação de Mestrado.

A Ana Carolina, pelo seu espírito contagiante de pesquisadora e seus ensinamentos de que desistir pode ser até um pensamento, mas nunca uma opção. A querida Maria do Espírito Santo, que me acompanha desde os primeiros passos no percurso da História e na desafiante jornada dos estudos de gênero.

Às minhas tias Ana Maria, Maria Nelma, Nilva Maria e Socorro Gomes que transformaram sua existência em exemplos que intrigaram minha alma. Às mulheres e homens que me inspiraram desde muito cedo na luta por um mundo mais justo e mais igualitário.

Por fim, ao sorriso terno de Maria Luísa, que ilumina e me inspira a seguir sempre em frente.

“O corpo está no centro de toda relação de poder, mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica”.

Michelle Perrot.

Resumo

Neste estudo procuramos explicitar a tensão dos discursos enunciados pelas charges de Ziraldo no periódico O Pasquim durante a década de setenta, em contrapartida com o discurso feminista que se articula nesse mesmo período. Inserido no processo de uma conservadora modernização vivenciado pelo país, as feministas politizam o público e o privado deslocando o eixo da concepção do ser mulher, atrelado historicamente à maternidade, à esfera privada e ao casamento. No exercício de análise das charges de Ziraldo, foram suscitados alguns questionamentos, e que, a partir da sensibilidade e experiência do olhar, nos convida a uma interpretação mais aguçada por parte da (do) historiadora (or) de imagens. Propomos então a leitura dos traços das charges de Ziraldo, que dão a ser lidos como textos, onde traços, riscos e rabiscos se dão como significantes, e que sob a ótica de gênero, revelam-se como poderosos significados.

Palavras chaves: Gênero, Imagens e Representações.

Abstract:

In this study we try to explain the tension of speeches set out the cartoons of Ziraldo in the journal "*O Pasquim*" during the seventies, in contrast to the feminist discourse that articulates the same period. Housed in a conservative modernization process experienced by the country, feminists politicized public and private shifting the design of the shaft being a woman, tied historically to motherhood, the private sphere and marriage. In fiscal analysis of the cartoons of Ziraldo, they have raised some questions, and that , from the sensitivity and experience the look, invites us to a sharper interpretation by the (the) historian (or) images. Then we propose the reading of the features of the cartoons of Ziraldo, that give to be read as texts, where traces , scratches and scribbles are given as significant , and that from the perspective of gender, reveal themselves as powerful meanings.

Keywords: Gender, Images and Representations.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1: Gênero e Representações.....	07
Imagem 1.....	18
Imagem 2.....	20
Imagem 3.....	22
Imagem 4.....	23
Imagem 5.....	24
Imagem 6.....	26
Imagem 7.....	27
Imagem 8.....	29
Imagem 9.....	31
1.2 O feminismo sob os riscos de Ziraldo no <i>Pasquim</i>.....	32
Imagem 10.....	33
Imagem 11.....	35
Imagem 12.....	37
Imagem 13.....	40
Imagem 14.....	42

1.3 “ANIS-TIA” sob a ótica de gênero.

Imagem 15.....	43
Imagem 16.....	44
Imagem 17.....	51
Imagem 18.....	54
Imagem 19.....	55
Imagem 20.....	56
Imagem 21.....	57
Imagem 22.....	58
Imagem 23.....	58
Imagem 24.....	59

CAPÍTULO 2: Modos de ver: O feminismo sob os riscos de Ziraldo.

Imagem 25.....	66
2.1: Nossos corpos nos pertencem?.....	68
Considerações finais.....	72
Referências bibliográficas.....	76
.....	77
.....	78
.....	79
.....	80

CONTORNOS DO FEMINISMO SOB OS TRAÇOS DE ZIRALDO NO *PASQUIM* (1969-1979)

INTRODUÇÃO

Seduzida desde o início de minha formação acadêmica pelos estudos de gênero e suas representações, inquietou-me como as relações de gênero estão presentes nos mais diversos discursos, sejam eles explícitos ou implícitos. Durante o decorrer da minha graduação, quase nunca, para não dizer nunca, a questão feminina na narrativa histórica foi problematizada, já que a matriz curricular da graduação foi montada a partir das metas-narrativas clássicas, provocando silêncios e perdas para os sujeitos que poderiam falar a partir da análise das diversas formas de discurso.

Instigada pelas representações do feminino e do feminismo no espaço social e cultural, venho propor através desse estudo uma investigação das obras do chargista Ziraldo, em *O Pasquim*, durante o efervescente cenário político da década de setenta. O periódico caracterizado em nossa História como inovador, transgressor e debochado, tornou-se referência na imprensa alternativa.

Fundado ainda em sessenta e nove, pouco tempo após a outorga do AI-5 a onda Pasquiana invadiu o regime militar e através de suas charges fez rir um país inteiro mergulhado num contexto de silêncio, medo e opressão, lembrando que a institucionalização do AI-5 provocou enormes perdas democráticas. Suas decisões não determinavam prazos de vigência e garantia poderes ilimitados para o presidente da República.

A partir do AI-5, o núcleo militar do poder concentrou-se na chamada comunidade de informações, isto, é, naquelas figuras que estavam no comando dos órgãos de vigilância e repressão. Abriu-se um novo ciclo de cassação de mandatos, perda de direitos políticos e expurgos do funcionalismo, abrangendo muitos professores e universitários. Estabeleceu-se na prática a censura aos meios de comunicação; a tortura passou a fazer parte integrante dos métodos do governo. (FAUSTO, 2003.p.480)

E foi nesse cenário de medo e repressão que o Pasquim inaugurou uma tendência jornalística de debate político, econômico e comportamental de uma nova maneira de se fazer jornalismo num país tomado pelo silêncio, medo e repressão.

O Pasquim não derrubou a ditadura, mas ridicularizou-a, desmoralizou-a. E Ziraldo foi um dos grandes chargistas da infantaria composta por Jaguar, Fortuna, Claudius, Millôr Fernandes, Prósperi, Sérgio Cabral, Luís Carlos Maciel e Tarso Castro (e outros que se juntaram ao longo de sua existência) que, com suas charges, atacavam pelas brechas, pelas margens, combatendo o inimigo que se travestia de valores morais, cívicos e patrióticos tão difundidos nesse período. O Pasquim revolucionou a linguagem jornalística e uma de suas táticas foi a utilização da linguagem gráfica, forte munição utilizadas por seus chargistas.

Seguindo a tática “pasquiana,” Ziraldo procurou extrair o humor do cotidiano, das experiências vividas, traçando textos e provocando risos, fazendo de suas charges um lugar de leitura de mundo, maneiras de pensar e representar este mundo, transformando-as assim numa importante forma de evidência histórica. Como chargista, Ziraldo inovou, transgrediu e debochou. Mas também conservou! No exercício de seleção das charges de Ziraldo no Pasquim, foram suscitados alguns questionamentos que apontavam um olhar preconceituoso e machista do chargista, que imprimiu em suas obras um discurso revelador de sentidos sobre o lugar social das mulheres e das mulheres feministas nesse período. Mais do que evidenciar as representações de gênero nas charges de Ziraldo cabe questionar o potencial desse recurso linguístico (a charge) na produção de sentido que ela evoca, nesse caso específico, o conceito sobre o que é ser mulher e ser feminista nesse período. De que forma os riscos do chargista acionaram uma cadeia de sentido sobre as relações de gênero? Qual o papel do discurso gráfico (as charges especificamente) para a operação dessas representações? Teria a charge um potencial gráfico para a produção de uma forma de pensar?

Assim como os textos, as charges de Ziraldo nos convidam a leitura de uma trama e de um tempo que, sob os riscos do chargista, dão-se a ver e dão-se a rir. A experiência visual de gênero revela traços significantes, que sob o olhar crítico e interpretativo da historiadora (o) enunciam poderosos significados. Nessa perspectiva, a História Cultural aponta o modo de como diferentes lugares e tempos são elaborados e dados a ver.

Estimulada por essas tendências, trilhamos velhos caminhos com novos olhares. Assim das mais de cem imagens pré-selecionadas no arquivo da Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho, localizada no Senado Federal, dispomos nesse estudo de vinte charges traçadas por Ziraldo que possibilitam análises intrigantes sobre as representações de gênero. Mais do que evidenciar tais imagens, propomos dar visibilidade as práticas e modos de ação política e cultural menos analisados, mas não menos importantes e impactantes para a produção simbólica da desigualdade de gênero.

Seduzida pelo potencial de análise do discurso gráfico e amparada pela categoria gênero, propomos nessa dissertação pensar o potencial linguístico das charges para a produção de uma forma de pensar. Pensar ainda as estratégias de ação e produção de sentido sobre “ser feminista” e o “ser feminina” impresso nos traços de Ziraldo, no consagrado meio de comunicação impressa da década de setenta: *O Pasquim*. Este se destacou como referência de resistência e combate ao conturbado cenário político da época. O seu nome já se torna indiciário da sua maneira de fazer jornalismo. O Pasquim, derivado da palavra italiana *paschino*, traduz-se como panfleto de difamação. O jornal revelava no nome sua prática audaciosa de se opor a violenta ditadura militar que tomava conta do país naquele momento.

Sua vida impressa inicia-se no momento em que a ditadura reforça sua prática de repressão, outorgando o AI-5. Dentre outros assaltos democráticos, a censura à imprensa fez do Pasquim um alvo constante, que se travestia da sátira, da ironia e do humor para combater o inimigo. O humor e a zombaria foi sua grande arma e sua grande estratégia de divulgação foi a arte gráfica. O Pasquim pode ser lido através das imagens sejam elas cartoons, charges ou quadrinhos. Essas imagens se abrem como possibilidade para a (re) leitura de um tempo, de um lugar histórico. Em cada página manuseada na visita ao arquivo pude perceber mais do que a importância deste para o trabalho histórico, mas sua mágica, de guardiã de um tempo já escoado e que só pode ser acessado através dos vestígios desse mesmo passado vivido.

Trilhando tal perspectiva pensamos a charge como o sintoma de uma época. Amparada pela Nova História Cultural, que multiplicou o sentido de fontes, temáticas e objetos, pensamos as charges como um lugar privilegiado de operação do discurso de gênero. Mais do que visibilizar essas imagens, propomos pensar como os elementos que a compõem se organizam e se codificam, propondo uma análise para além do aspecto visual.

O movimento feminista e de mulheres de segunda onda reconheciam as mulheres como oprimidas, afirmando que as relações entre os sexos não são produzidas na natureza, são práticas, discursos, hábitos, assim passíveis de transformação. O direito ao corpo, ao prazer, a denúncia da violência, do estupro foram denúncias desse movimento. A pauta principal desse feminismo era “Nosso corpo nos pertence”. As mulheres e mulheres feministas questionavam-se o sexo como definidor de comportamentos e a heterossexualidade como regra. Defendiam ainda a descriminalização do aborto e o direito a contracepção. As feministas entraram em cena e se tornaram protagonistas desse período. Sua atuação latente nas questões específicas do movimento feminista somava-se ainda à luta contra a ditadura militar. O movimento feminista brasileiro ganha nesse sentido, contornos próprios delimitando sua atuação num território político minado pelas questões de gênero e pela ditadura militar. Essa destacada atuação das mulheres feministas não livrou o movimento de ataques ridicularizadores que insistam em desqualificar a inserção significativa das mulheres no espaço público que deslocava a prática política tradicional para politizar o corpo feminino e seu lugar histórico. Tais aspectos são indiciários nas charges aqui apresentadas e problematizadas.

No capítulo dois dialogamos com Joan Scott e lançamos mão do seu estudo, “A Invisibilidade da Experiência” para indagarmos se não há um modo de ver específico a partir do lugar social do indivíduo. As representações impressas nas charges aqui selecionadas foram pensadas a partir de uma lógica de visão masculina, grande parte integrante da esquerda brasileira naquele período e que, a partir de seu lugar social, produziram um conjunto de significações violentas contra esse importante e reconhecido movimento de luta pela igualdade entre os sexos.

A partir da experiência do olhar, guiada pelas lentes de gênero apontamos a importância da (re) leitura histórica a partir de novas perspectivas que condicionem discussões sobre os discursos elaborados acerca da atuação das mulheres nesse

período. Pensamos ainda o potencial da categoria gênero para a crítica epistemológica e sua ressonância na historiografia.

Ao postular que a pesquisa do historiador seria guiada por tudo que fosse humano, Marc Block², mais do que alargar o campo de atuação desse profissional, ampliou também a tipologia de suas fontes. Nessa tendência, pensamos a charge como o sintoma de uma época. Amparada pela Nova História Cultural, que multiplicou o sentido de fontes, temáticas e objetos, pensamos as charges como um lugar privilegiado de operação do discurso de gênero. E mais do que visibilizar essas imagens, propomos pensar como os elementos que a compõem se organizam e se codificam, propondo uma análise para além do aspecto visual.

Tomamos a charge como o lugar e operação do discurso para a produção de uma forma de pensar. O conceito de feminismo e ser feminista, estruturado graficamente sob os traços de Ziraldo, mostra a necessidade da importância de uma releitura histórica por historiadoras e historiadores. Mais do que tornar visíveis as imagens aqui selecionadas, pretendemos dar visibilidade às práticas, às estratégias de ação e operação de desigualdade de gênero representadas nas charges de Ziraldo, em *O Pasquim*, durante a década de setenta no Brasil.

1. Capítulo I: Gênero e Representações.

Em sua obra, *História e História Cultural*, Sandra Pesavento refaz a trajetória do surgimento do conceito muito caro a essa nova tendência historiográfica, o conceito de representação. Numa espécie de arqueologia da História Cultural essa historiadora busca os precursores da elaboração desse conceito que, em busca de um novo método, inauguram também uma nova prática histórica.

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, 2005, p.39)

Nessa perspectiva, a autora realiza um mapeamento do conceito de representação e sua elucidação. Originada nos estudos sociológicos de Durkheim e aprimorada mais recentemente nos domínios da Nova História Cultural, as Representações Sociais abrangem um conceito um tanto complexo, situando-se num limite entre a sociologia e a psicologia. O conceito desenvolve-se primeiramente na teoria desse sociólogo que teorizou que as categorias básicas do pensamento tinham origens na sociedade, ou seja, o conhecimento só poderia ser encontrado junto à experiência social, a vida social seria a condição do pensamento organizado na sociedade. Aprimorado por outros teóricos o conceito ganha lucidez em nossa nova vertente historiográfica.

Tomando por base as definições de Chartier, as representações sociais constituem-se formas peculiares de apreender características cotidianas, culturais e também econômicas de uma determinada sociedade. As representações são fenômenos sociais que, se entendidas a partir do lugar de onde são produzidas, podem ser consideradas como expressões da realidade.

Para Le Goff (2012), a representação é a tradução mental de uma realidade exterior percebida e liga-se ao processo de abstração. Mas as imagens e discursos sobre o real não são exatamente o real ou, em outras palavras, não são expressões literais da realidade, como um fiel espelho.

Para Bordieu (2012), as representações mentais envolvem atos de apreciação, de conhecimento e reconhecimento e constituem um campo onde os agentes sociais investem seus interesses e sua bagagem cultural. A sociedade constrói a sua ordem simbólica, que, se por um lado não é o que se convencionou chamar de real (mas sim sua representação), por outro lado é também outra forma de existência da realidade histórica.

Para Barthes (2012), a história é representação com base no que ele chama de “ilusão referencial”, o fato histórico como tal aconteceu. É passado. Este tem uma “existência linguística”. Dessa forma o passado nos chega enquanto discurso, um fato falado, escrito, pintado, grafado, ou seja, sempre intermediado pela visão de quem narra. O acontecido não é recuperado na sua totalidade, portanto o discurso do acontecido é construído através de fragmentos. Observamos assim, que vários pensadores já se atinavam para o fato de que um dos objetivos da História Cultural é uma espécie de decifração do passado que, através dos vestígios tomados pela historiadora (o), procura um sentido, uma visão de mundo para o objeto analisado.

É o que propomos nesse estudo, uma espécie de decifração das representações dos traços das charges de Ziraldo, publicadas no periódico *O Pasquim* durante a década de setenta. O jornal é visto como ícone de protesto e irreverência na luta contra a ditadura.

Porém, convidamos você leitora (o), a pensar esse mesmo fenômeno sob uma outra ótica, possibilitando análises, no mínimo interessantes, de um capítulo importante de nossa História. Tomada pela crescente demanda dos estudos de gênero e ancorada na nova perspectiva da prática historiográfica inquietou-me como as mulheres feministas foram representadas nas charges de Ziraldo aqui selecionadas, durante a década de setenta em nosso país.

Influenciadas pelos ideais feministas, difundidos na Europa e principalmente nos Estados Unidos, as feministas brasileiras organizaram-se numa frente de luta pela igualdade entre os sexos, propondo, principalmente a superação do determinismo biológico das relações entre os sexos, dando a este um novo entendimento, o de caráter social. O movimento crescia de forma atuante. Politizou o corpo, o privado e o espaço público. Deu voz a opressão histórica sobre as mulheres e seus corpos e denunciou a segregação social cuja força motriz se encontrava na diferença entre os sexos. Mesmo tomado pelo cenário do medo e da repressão foram inúmeras as atuações políticas de

mulheres e de mulheres feministas neste período da História. A partir do reconhecimento e inquestionável atuação política das mulheres e mulheres feministas questionamos como as mesmas foram representadas, estereotipadas e ridicularizadas sob os traços do chargista Ziraldo no consagrado periódico *O Pasquim*. Pensar a imagem para além da ideia de testemunha ocular, possibilitando o surgimento de outras análises no mínimo interessantes quando abordadas pelas historiadoras (os) Quando analisadas sob a ótica de gênero, as charges de Ziraldo nos convidam a problematização de um traço que imprimiu contornos significativos ao movimento de mulheres e de mulheres feministas, durante a década de setenta.

“Existiria uma maneira feminina de se escrever a história, radicalmente diferente da masculina? E ainda, existiria uma memória especificamente feminina”? (RAGO,1998). São com esses questionamentos que Margareth Rago, em seu artigo, Epistemologia feminista, gênero e história, convida sua leitora (o) a refletir sobre a possibilidade de uma episteme, ou seja, de uma forma de conhecimento feminista ,e sua ressonância na historiografia.

A partir de uma argumentação minuciosa e complexa, a autora defende a contribuição do feminismo para as transformações ocorridas na produção do conhecimento histórico, ao denunciar o caráter particularista, ideológico racista e sexista da ciência moderna. Potencializada pela crítica pós – moderna que denuncia a ilusória neutralidade do sujeito no discurso, onde não se pensa sua dimensão sexualizada, a crítica feminista aponta o discurso científico da racionalidade como um campo “ensimesmado”, isto é, "a partir da lógica de identidade e que não dá conta de pensar a diferença” (RAGO, 1998, p.19). Para a autora a ciência tem uma identidade. É ela masculina, branca, ocidental consequentemente, excludente.

Pensa-se a partir de um conceito universal de homem, que remete ao branco-heterossexual-civilizado-do-primeiro-mundo, deixando-se de lado todos aqueles que escapam deste modelo de referência. Da mesma forma, as práticas masculinas são mais valorizadas e hierarquizadas em relação às femininas, o mundo privado sendo considerado de menor importância frente à esfera pública, no imaginário ocidental. (RAGO. 1998.p.04).

Assim, considerando que as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferente da masculina, que se propõe na busca de uma nova linguagem e de um contra discurso é que se projeta a possibilidade de uma episteme feminista, com grande potencial de emancipação. Mais do que uma consciência e uma nova possibilidade do fazer historiográfico, a perspectiva aberta por Rago, nos alerta para a importância de uma releitura da História e da operação histórica convidando a comunidade das historiadoras e historiadores a revisitarem suas fontes, baseando-se nos traços deixados pela memória, pelos símbolos, emblemas e sinais do passado.

Fortalecidos pelas propostas da História Cultural, os estudos de gênero ganham força e, aos poucos, vão se moldando como uma nova prática de pesquisa. Para um melhor entendimento do surgimento dessa categoria faremos uma breve abordagem sobre a eclosão do movimento feminista de setenta, já que a própria delimitação gramatical “gênero” está diretamente ligada às reivindicações desse movimento.

De acordo com Sarti (2004, p.03) já na segunda metade da década de sessenta, os movimentos feministas se faziam bastantes atuantes nos países ocidentais, principalmente nos EUA. Tinham como reivindicação a liberalização da mulher na busca de problematizar as condições que regiam a desigualdade entre homens e mulheres. Buscava ainda dar visibilidade às mulheres enquanto indivíduos autônomos e independentes, tão sujeito quanto o homem, além de realçar “as diferenças dentro das diferenças” (classe, etnia, cor), no interior do movimento. Propunha ainda, uma nova abordagem sobre a questão da mulher e das desigualdades geradas e cultivadas ao longo da história, mas logo de início se deparava com a problemática conceitual que ultrapassava os limites gramaticais.

Afinal, o que caracteriza o feminino? É a condição natural do sexo logo ao nascer que determina a condição de desigualdade de um sujeito?

Foi na negação do determinismo biológico, das relações entre os sexos e dando-lhe esse novo sentido, o de caráter social, que foi lançado o conceito de gênero. Na descrição dessa nova abordagem nos deparamos com os estudos da historiadora Joan Scott, pioneira nos estudos dessa categoria. A autora publicou em 1988, o artigo *Gender: a useful category of historical analysis* (Gênero: uma categoria útil para análise histórica (traduzido no Brasil em 1990), considerada por muitos estudiosos do assunto uma das mais importantes teóricas para aquelas e aqueles que se dedicam aos estudos de gênero).

Scott aborda a capacidade de significação das coisas, ou seja, as palavras, as ideias, os pensamentos, tudo possui uma história e uma intencionalidade de significação. É por isso que a autora propõe uma troca de categoria, de mulheres para gênero, já que a primeira traz explícito seu caráter biológico, dando ênfase justamente àquela que era tida como a principal preocupação de superação do movimento de mulheres. Superada a barreira gramatical Scott adiciona outra asseveração: O conceito de gênero além de denunciar as relações sociais forjadas em torno do corpo, cultivada durante séculos na sociedade, ressalta o aspecto relacional das práticas normativas do feminino, isto é, não há como problematizar a questão da mulher sem reverenciar o homem, já que aquela é construção deste.

A adoção de gênero enquanto categoria relacional de análise rejeita a ideia da binaridade entre homem e mulher, enquanto duas esferas separadas que não se relacionam, dando um novo e rico sentido: o de que a informação de um implica, ao mesmo tempo, no estudo do outro. De acordo com a autora o aspecto relacional constitui-se como “essencial para descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades da época (...) achar seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la”. (Scott, 1991, p.1/2).

Gênero como substituto de mulheres é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. Este uso insiste na idéia de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por este mundo. (SCOTT, 1991, p.06)

Mais do que uma inovação, os estudos de Scott podem ser ainda considerados transgressores quando se diz respeito à análise historiográfica. Isto porque, ao se debruçar nos estudos das mulheres na história, as (os) historiadoras (es) se viram sem um aporte teórico que pudesse auxiliá-los nos estudos referentes às mulheres, o que as (os) levou a redefinirem aquilo que outrora fora apontado como relevante na historiografia: o determinismo econômico.

É aqui que a historiadora nos põe a necessidade de enveredarmos no campo do pós - estruturalismo, mais precisamente nos estudos desenvolvidos por Foucault e Derrida, capazes de fornecer ao feminismo uma perspectiva analítica poderosa. Sobre essa abordagem interdisciplinar dos estudos de gênero considera Soieith:

Enfatiza a importância dos estudos no âmbito da história das idéias e das mentalidades, que concederam um lugar privilegiado para a análise das representações, dos discursos normativos, do imaginário coletivo; as quais chamaram a atenção para o caráter histórico e mutante dos conteúdos do masculino e do feminino, reconstruindo as múltiplas maneiras pelas quais as mulheres puderam re-interpretar e re-elaborar suas significações. (SOIHET, 2003,p.04)

As historiadoras feministas, mais do que tentar dar visibilidade às mulheres nos estudos de história, anunciaram uma nova prática histórica. Ao adotar tal concepção, Scott, mais do que insistir que as mulheres eram objetos da História, buscava reformular os paradigmas desta disciplina, “redefinindo e ampliando a visão tradicional de fazer história” (Scott, 1991 p. 267). Neste sentido é que ela sublinha que “para o nascimento de uma nova História haveria que se desenvolver a idéia de gênero, transformando-o em uma categoria de análise” (Scott, 1991 p. 268). E mais como, descreve Rago:

Pode-se dizer, portanto, que os feminismos criaram modos específicos de existência mais integrados e humanizados, desfazendo as oposições binárias que hierarquizam razão e emoção, público e privado, masculino e feminino, heterossexualidade e homossexualidade. Inventaram eticamente, ao defenderem outros lugares sociais para as mulheres e sua cultura, e operam no sentido de renovar o imaginário político e cultural de nossa época, principalmente em relação aos feminismos do século XIX e início do século XX. (RAGO, 2014, p.23)

Nasce, então, a categoria gênero que propõe desconstruir a concepção naturalizada da divisão sexual legitimadora das diferenças sociais e das desigualdades de poder entre homens e mulheres, trazendo à discussão os papéis sociais das mulheres, historicamente construídos em torno do biológico. Essa, por sua vez, problematiza os símbolos produzidos no meio social em negação ao determinismo biológico, que durante séculos legitimou as desigualdades entre homens e mulheres. Assim, a construção da desigualdade entre os sexos, conforme aborda Scott, legitima gênero como uma nova categoria de análise histórica.

Tais questionamentos levaram alguns intelectuais a considerar o “feminismo o maior e mais importante movimento deste final de século”.

O movimento feminista denuncia a manipulação do corpo da mulher e a violência a que é submetido, tanto aquela que se atualiza na agressão física – espancamentos, estupros, assassinatos – quanto a que o coisifica enquanto objeto de consumo. Denuncia da mesma forma a violência simbólica que faz de seu sexo um objeto desvalorizado. Reivindica a autodeterminação quanto ao exercício da sexualidade, da procriação, da contracepção. Reivindica, também, o direito à informação e ao acesso a métodos contraceptivos seguros, masculinos e femininos. (ALVES, PITANGUY 2003, p.60/61)

A década de setenta foi um marco do século XXI, marcada por transformações, cujos abalos foram sentidos no campo da política, da economia e da cultura. Um período sintomático que pôs em xeque modelos de pensamentos, de comportamentos e dava luz a um novo panorama social no cenário ocidental “com a entrada de novos grupos em cena, portadores de novas questões e interesses” (PESAVENTO, 2005.p.09).

Uma nova geração adentrava a História, diversificada socialmente, geograficamente e bastante atuante em seus interesses. No continente europeu e norte

americano era latente a eclosão de uma nova geografia social. Os movimentos de contestações desenvolviam-se em vários territórios; o movimento hippie e de contracultura; o movimento negro e a luta por direitos civis; as guitarras soavam como um grito de protesto ao som do rock. O pós-guerra possibilitava uma nova dinâmica social e nesse novo movimento as mulheres protagonizaram um dos mais importantes momentos de atuação, denunciando e reivindicando um novo lugar nesse novo mapa social. Era a segunda onda feminista. A luta pela igualdade civil, o direito ao voto e participação no espaço público tão reverenciado na primeira onda do movimento feminista são deslocados e apresentam uma nova tendência. Tinham como reivindicação a liberalização da mulher na busca de problematizar as condições que regiam a desigualdade entre homens e mulheres. Afinal o que caracteriza o feminino? É a condição natural do sexo que determina a desigualdade do sujeito?

Tais constatações, questionamentos e problemáticas, assim como o nascimento da categoria de análise gênero são “tributárias do movimento feminista de segunda onda, ou seja, gênero parte não de uma discussão teórica, não que essa não seja feita, mas a reflexão teórica ocorre após a prática política” (PEDRO,2006). Tal aspecto evidencia o poder ainda maior dessa categoria que provem da experiência do sujeito, da experiência vivida das mulheres e das mulheres feministas que buscam antes de tudo explicações para as desigualdades dos sujeitos a partir de seu tempo e lugar.

Em outro estudo, não menos importante “Gênero como categoria transversal de análise na historiografia contemporânea” (2011), Joana Maria Pedro, é categórica em seus estudos da necessidade de se pensar as representações de gênero enquanto uma categoria transversal de análise levando em consideração suas particularidades e historicidade. Assim, essa autora, nos convida a abordar o movimento feminista de segunda onda no Brasil dentro de sua singularidade histórica e não como um reflexo da segunda onda feminista europeia e norte americana. Neste continente, os movimentos sociais formados por mulheres já eram praticados desde o início da década de sessenta. O direito ao corpo a contracepção e a sexualidade eram reivindicações constantes das mulheres que integravam tais grupos. Pretendiam ainda tomar consciência da condição feminina. Entendiam que não era a biologia que as definia, mas a cultura em que estavam inseridas. Ideias de beleza e juventude como condição feminina foram questionadas na famosa queima dos sutiãs, em 07 de setembro de 1968, em Atlantic City, nos E.U.A.

Outros movimentos sociais apresentavam a presença maciça das mulheres nesse período: as mobilizações juvenis de maio de sessenta e oito, movimento hippie, os grupos que se organizavam pela luta aos direitos civis dos negros, a mobilização contra a guerra do Vietnã. As mulheres adentravam o espaço público e político, se faziam presentes e atuantes, mas não escapavam ao preconceito e olhares tortos de seus próprios companheiros.

Plural em sua atuação, o movimento feminista de segunda onda no Brasil deu seus primeiros passos dentro do ambiente privado, formando os grupos de consciência. Eram formados apenas por mulheres, na maioria casada e com filhos crescidos. Deslocaram seus encontros para outros lugares delineando uma nova prática política também no espaço público. Os grupos foram se tornando cada vez mais frequentados forçando a criação de outros grupos de reflexão em lugares diferentes. A ideia era formar redes, expor e discutir suas angústias e conflitos e tomar consciência sobre a condição histórica da mulher.

Nas reuniões, as integrantes faziam relatos de como viviam diferentes situações de seu cotidiano. Sob uma metodologia chamada “linha da vida”, falavam de corpo, menstruação, aborto, desejo, prazer, diferença no tratamento familiar em relação a elas, relacionamento com o marido, com o pai, com os homens. Enfim, consideravam que sua vida privada reproduzia valores da sociedade, portanto, do coletivo. Daí o slogan “o pessoal é político”. (PEDRO, 2015.p.31)

Se em outros países o campo era propício para o desenvolvimento de movimentos sociais contestatórios, no Brasil, o feminismo nasceu e floresceu num território minado pela repressão da ditadura militar. O estado repressor não era o único inimigo das feministas, encontrando estas barreiras culturais que insistiam em minar e entrincheirar a luta pela igualdade. As mulheres feministas atuaram sob duas frentes de luta como esclarece Célia Regina Pinto:

Ao mesmo tempo em que teve de administrar as tensões entre uma perspectiva autonomista e sua profunda ligação com a luta contra a ditadura militar no Brasil, foi visto pelos seus integrantes desta mesma luta como um sério desvio burguês (PINTO, 2003.p.45)

Em nosso país, a luta das mulheres ganhou corpo ao longo da segunda metade do séc. XX, ultrapassando as reivindicações políticas, econômicas e educacionais tão sublinhadas num primeiro momento da história do feminismo. Seguindo a tendência da segunda onda, propunham discussões sobre as relações e as práticas de desigualdade no ambiente privado, questionavam os preconceitos e seu lugar, “o lar”, como seu espaço natural. As relações de poder, até então limitadas ao espaço público, são sentidas e faladas pelas mulheres que denunciam: “o privado é político”. Questões como comportamento, sexualidade, violência, direito ao corpo e ao prazer ganham vozes e rostos e dão maior visibilidade ao movimento.

As relações de gêneros se davam em várias instâncias, principalmente no privado. As relações interpessoais, os micros poderes tomados por Foucault, revelavam uma trama de significados que iam além das insuficientes explicações classistas. As mulheres tornavam fértil sua própria vivência, questões propriamente feministas, a questão da sexualidade, a questão da violência contra a mulher e o problema das relações cotidianas com os homens, como seus companheiros, filhos e pais. O ambiente privado era posto em cheque como um espaço de produção e conservação da desigualdade entre os sexos, o ambiente doméstico era potencialmente desigual na relação entre os sexos.

Na imagem abaixo, é sintomático o deboche e a desqualificação as prerrogativas do movimento feminista que circulavam naquele momento. A politização do ambiente privado e as relações desiguais entre os cônjuges, tão discutidas no interior do movimento ganham contornos irônicos sob os riscos de Ziraldo, ao (re) produzir o lugar histórico da mulher, o ambiente privado, e a opressão como forma de controle das mesmas por parte de seus companheiros.

Na imagem abaixo é explícita a tentativa do chargista de oprimir as mulheres representadas. Literalmente pisoteadas por seus companheiros, as mulheres grafadas, trazem em sua postura física desigualdade. É uma mulher “do lar”, submissa, subserviente e com olhar de conformismo a sua situação.

Não é novidade a desvalorização do trabalho doméstico exercido em nossa sociedade e sua direta relação com a divisão sexual do trabalho. Para a socióloga Bila Sorj:

O trabalho remunerado e o trabalho não remunerado, realizado comumente por mulheres na esfera privada, são duas dimensões do trabalho social que se encontram intimamente ligadas. Esta constatação é uma das principais contribuições dos estudos de gênero e dos estudos feministas ao entendimento das relações entre trabalho e família nas sociedades contemporâneas (...). Carente de um conceito que lhe conferisse existência social, só nas últimas décadas do século XX passou a ser problematizado e integrado aos estudos do trabalho. (SORJ, 2004,p.107)

A afirmação da autora nos propõe pensar a íntima relação do lugar social da mulher no ambiente privado e sua histórica desvalorização e limitação a outras esferas de trabalho. “Bloqueadas nas suas carreiras profissionais e submetidas à pressão das normas sexuais de emprego, muitas mulheres acabaram por priorizar investimentos pessoais na esfera privada”. (SORJ, 2004, p.108). Nesse raciocínio complementa Michelle Perrot:

As mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado. As sociedades jamais poderiam ter vivido, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico, que é invisível. (Perrot, 2004.p.109)

A charge traçada por Ziraldo fornece indícios da desigualdade gerada pela divisão sexual do trabalho e a desigualdade de gênero (re) produzida na esfera privada. É explícita a intenção do chargista de produzir o masculino como o provedor do lar já que é responsável pelo “verdadeiro” trabalho. As roupas dos personagens vestem a intenção do chargista empoderando os personagens masculinos e inferiorizando as personagens femininas.

Os corpos, sempre indiciário da intenção de Ziraldo, expõem as mãos masculinas desproporcionais ao tamanho do corpo, numa clara tentativa de representar a autoridade.

O dedo indicador do homem à esquerda, apontado para a frase escrita em negrito e caixa alta, sublinha a intenção do chargista de inferiorizar as mulheres do “lar”. Estas por sua vez, encontram-se de “quatro” submissas a seus companheiros. Ziraldo é atento aos detalhes de suas charges e cada parte de seu traço compõe o sentido de sua obra. Atentemos por exemplo, a dentição do homem à direita da imagem. Os dentes caninos, o dedo apontado, a postura dominadora e autoritária compõe um discurso grafado tão poderoso como o sentido revelado no discurso escrito: “A coisa mais fácil do mundo é manter a paz dentro lar. Tudo depende do comportamento da mulher”.

E é esse comportamento opressor, que o movimento feminista veio questionar.

IMAGEM 01



Cabe ressaltar que o feminismo não surge como um movimento solitário, isolado da teia histórica que o tece. Uma nova geração protagonizava a história e uma nova geração de mulheres também. Vale destacar que a segunda onda feminista organizada no Brasil, não contava com um bom cenário, como os países ocidentais. Se por um lado esse ambiente fecundo de transformações eclodia na Europa, no cone norte, no Brasil e no cone sul as mulheres e as mulheres feministas atuaram em um território de resistência e violência simbólica às suas denúncias e reivindicações. Cíntia Lima Crescêncio destaca o já postulado por Célia Regina Pinto e ressalta:

O desenvolvimento de um feminismo e terras tupiniquins estava profundamente marcado por esse cenário de censura e ditadura em que as lutas se polarizaram entre o combate à ditadura e à defesa do proletariado. Em função disso, a autora aponta que o feminismo brasileiro, mesmo que não obedecesse à tradicional noção de onda, teria sido motivado por esse cenário externo, visto que exiladas, estudantes e viajantes entraram em contato com o pensamento feminista durante sua estadia em países como França e Estados Unidos (CRESÊNCIO, 2005. p.01).

Inserido neste cenário político efervescente da década de setenta, que o Pasquim entra em circulação, ainda em junho de sessenta e nove, após a outorga do AI-5 - que calava a imprensa e silenciava outras vozes no país. Com uma tiragem de 20 mil exemplares, chegava às bancas o primeiro número do Pasquim, indiciando sua forma de fazer jornalismo através do próprio nome (que quer dizer panfleto, publicação sem qualificação e importância) o periódico tornava-se inovador por partilhar de uma linguagem coloquial e cotidiana o que provocava uma simpática identificação de seu público leitor.

O periódico inaugurava ainda uma nova prática jornalística, modificando a forma de comunicação impressa, já que, para além de ser lido era um jornal para ser visto. O texto traz sempre junto de si uma imagem, seja ela ilustração, charge ou cartum. E este, por sua vez, oferece uma leitura para além do visual... Para Natali Nogueira, “a página é trabalhada de maneira gráfica, de modo a ser mais do que um suporte de leitura, é como um desenho, onde todos os elementos se complementam”, conforme ilustra a capa abaixo, edição nº 58 de setenta. É recheado de humor, charges e erotismo que o

jornal cativa seu público leitor e o corpo feminino, quase sempre despido é uma tática para angariar simpatizantes.

IMAGEM 02



Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural é o mapeamento dos códigos do passado que se constituem como vestígios de outro tempo. A (o) historiadora (o) tenta uma reconstrução das representações das vidas elaboradas pelos sujeitos históricos que, por sua vez, só podem ser pensadas através do discurso, tornando a história uma narrativa de representação do passado.

Daí a necessidade da construção de uma narrativa densa e complexa, que busque o sentido para o tempo e o objeto analisado. O que está em jogo não são os fatos em si, mas a combinação, a relação que eles trazem com referência uns aos outros na elaboração das explicações. Essa nova dimensão da história de caráter interpretativo transforma os acontecimentos do passado em padrões significantes que nenhuma representação literal desses acontecimentos como fatos poderia jamais produzir.

E é na busca constante dessa narrativa densa, que procuramos, através da análise das charges de Ziraldo, no *Pasquim* (1969-1979), buscar uma recomposição cuidadosa de toda trama de significados socialmente elaborados sobre a segunda onda feminista brasileira, durante esse período.

Convidada pelo *Pasquim* para uma divulgação de seu livro e suas ideias, a autora Betty Friedan foi constantemente atacada e ridicularizada pela equipe do jornal. Autora da “A mística feminina” (1963), estudo que discute a crise de identidade feminina, analisando minuciosamente a construção da imagem da mulher como dona de casa perfeita, mãe e esposa. Friedan teve sua obra consagrada e foi aclamada por vários intelectuais como uma das principais influenciadoras da chamada segunda onda feminista, que assolou o Ocidente.

Mas para a “patota do pasquim”, como gostavam de ser chamados, era mais relevante questionar sobre a beleza e sexualidade da autora e não suas ideias.

IMAGEM 03



IMAGEM 04

DETTY FRIEDAN

Paulo Francis — Em primeiro lugar, eu queria saber o que que você está fazendo no Brasil. Você veio pra subverter a secular submissão da mulher brasileira ao homem?

BETTY FRIEDAN — Hum... não exatamente. Só as mulheres brasileiras podem fazer isso. Eu vim me informar sobre a situação da mulher brasileira e dos brasileiros em geral.

Francis — Você está estudando a situação do homem e da mulher brasileira?

BETTY — Eu vim porque o meu livro está sendo lançado aqui e me disseram que está começando um movimento de libertação da mulher aqui e quiseram que eu viesse pra falar sobre o problema em geral. Mas desde que eu cheguei aqui eu fiquei fascinada não apenas com o problema da mulher brasileira, porque você sabe que não há saída possível para as mulheres na situação geral desse país. Para mim, existem muitas outras perguntas sobre o Brasil que me fascinam mais. Eu acho que isso aqui é um quebra-cabeças.

Francis — Você quer dizer um quebra-cabeças político-social?

BETTY — Sim, exatamente. Mas eu sinto que nesse quebra-cabeças há uma parte que está na mão das mulheres e que talvez nem você esteja fora desse processo.

Francis — Provavelmente não. Millôr Fernandes — você está mais fascinada pelas mulheres brasileiras ou pelos homens brasileiros?

BETTY — Eu estou apenas fascinada pelo Brasil, no momento. Eu prefiro os homens nos assuntos sexuais, sabe?

Flávio Rangel — Você disse que está se informando sobre a posição da mulher brasileira. Que espécies de posições você já encontrou?



BETTY — Oh! Eu sei exatamente a piada que você está querendo insinuar. Eu estou vendo a situação da mulher brasileira e acho que a única maneira de conseguir uma certa abertura e falar sobre certas coisas nesse país e seguir em frente. Mas na questão das mulheres, nada de piadas. Não é necessário usar "nude" (substância que cega temporariamente. Ed.) ou gás lacrimogêneo para reprimir as mulheres mesmo no meu país, basta tratar-nos como uma piada, especialmente tratar o sexo como uma piada, todas as coisas como uma piada. Agora, eu levo a minha revolu-

ção muito a sério e eu tenho que brigar contra a falta de seriedade e por isso eu não vou responder a sua pergunta.

Millôr — Essa não é uma maneira democrática de pensar porque você diz que se as mulheres estivessem em pé de igualdade com o homem não haveria humor.

BETTY — Eu só não quero é que o movimento de libertação das mulheres seja entarado como uma piada.

Fortuna — Eu tenho visto muitos "cartoons" em revistas americanas sobre o movimento de libertação da mulher e, inclusive, no último Playboy tem uma história-em-quadrinhos a respeito desse negócio. Eu gostaria de saber como é que você encara isso?

BETTY — O "bunny" do Playboy representa o símbolo nacional do sexo no meu país. Não é somente uma desumanização da mulher como uma desumanização do sexo e do homem também. Eu acho que é justamente essa despersonalização e desumanização do sexo que ajudam a criar uma espécie de frustração, alienação e solidão até que se tenha vontade de urrar. Tanto os homens como as mulheres estão presos a esquemas de sexo obsoletos em meu país. É o que eu chamo de mito feminino que aprisiona a mulher e o homem e que cria uma inclinação à violência, que permite finalmente a sua manipulação por birchistas, Wallaces e Agnews. Tudo isto está caminhando para uma erupção de violência no meu país e essa violência está se espalhando pelo mundo. Simplesmente não se pode separar o que está acontecendo com as mulheres e o contexto político social, que é essencial na vida, dessa onda de violência.

Fortuna — Estou falando, não apenas no Playboy, mas de sua reação diante dos cartoons e do humor em relação ao movimento feminista, da imprensa americana em geral.

BETTY — Mas eu já disse a você. Não é necessário usar mace ou gás lacrimogêneo para reprimir o movimento da mulher, você pode fazer uma piada. Olhe aqui: esse movimento de libertação da mulher nos EUA já se tornou o movimento que mais cresce entre os que reclamam mudanças políticas e sociais básicas na nação.

Francis — Você quer dizer o Women's Lib?

BETTY — É. Você pensa que é uma piada. Mas não é. Absolutamente. É um movimento sério que toca questões importantes. Porque não há maneira do homem escapar das mulheres: elas são suas esposas, suas mães, etc. para não falar das secretárias nos escritórios. É incomfortável para vocês enfrentarem essa realidade. Vocês sempre querem se sair com uma piada. A maneira que vocês têm de se distanciar de nosso movimento, nos meios de comunicação com a massa, é através da piada. Não houve nenhuma mulher na América, neste movimento — tanto quanto sei —, que tenha alguma vez queimado o soutien (ou porta-seio). Nenhuma delas fez isso. Os soutiens foram queimados pelos homens, os homens da imprensa.

Millôr — Nós não acreditamos absolutamente que uma piada seja um preconceito contra o seu movimento. Somos em maioria, humoristas profissionais e, para nós, uma piada é

uma coisa séria. Não me interessa a posição do Playboy mas acredito que o National Lampoon faça humor seriamente. Quando eu digo que não acredito que o seu movimento seja o maior movimento revolucionário dos EUA, não estou fazendo uma piada.

BETTY — Eu não disse que era o maior movimento. Disse que era e que cresce mais e, já, potencialmente, o mais amplo movimento por mudanças políticas e sociais básicas. Repare que as mulheres não são uma



minorias, não constituem apenas 10% da população como os negros. As mulheres são 55% da população adulta, que votam, da população dos Estados Unidos. E esse movimento já está cruzando a linha que divide gerações, classes e raças e a política feita pelos homens. Eu pessoalmente vejo o inimigo da mulher como sendo, não o homem, mas certas instituições da sociedade muito relacionadas com o todo do organismo político. Portanto, não acho que você pode divorciar o movimento da mulher do resto que está acontecendo no país. Sinto que ou a passividade ou a irritação que cresce nas mulheres pode ser usada pelas forças da reação e que, portanto, a mulher pode temer a mudança, o progresso e a liberdade humana — como, parece, aconteceu com as mulheres de seu país em 1964. As mulheres estão se tornando, agora, livres e independentes, exigindo de sua própria voz que fale sobre seu destino e seu futuro, podendo se tornar uma força poderosa, juntamente com a juventude, intelectuais, etc., uma força poderosa a favor da vida, dos valores humanos e da paz, contra as forças do fascismo.

Flávio Rangel — O que que você pensa que as mulheres brasileiras fizeram em 1964?

BETTY — Não sou especialista em história brasileira, mas soube que estavam com muito medo das forças pela mudança. Eu imagino se isso não aconteceu devido a uma falha em reconhecer a importância da mulher como força política. Eu diria que a mulher é uma espécie de ser invisível. Um novelista negro (Ralph Ellison, Ed.) disse que, no meu país, os negros são gente invisível. Claro que sim. Você chega numa estação de trem e diz para um negro de mais quarenta anos: "El, menino, engraçados sapatos!" Os negros eram gente invisível até começarem a lu-

tar por seus direitos. As mulheres, controladas pacificamente em meu país, são gente invisível. Invisível ao ponto extremo de serem demasteados visíveis em revistas como Playboy e coisas assim. Os homens chamam as mulheres "the girls", as garotas, vocês sabem. E quando se chama de uma mulher de sessenta anos de "the girl", esse fato mostra que...

Francis — De maneira geral, eu concordo com você. Mas esse comentário não é bom porque os homens também falam deles como "the boys", os rapazes. Mas eu estou feliz de ter que você tem um ponto de vista sociológico, porque algumas de suas irmãs que eu li, me pareceram ao individualistas, muito preocupadas com problemas sexuais de uma maneira obsessiva, gente como Ti-Grace Atkins e Kate-Millet.

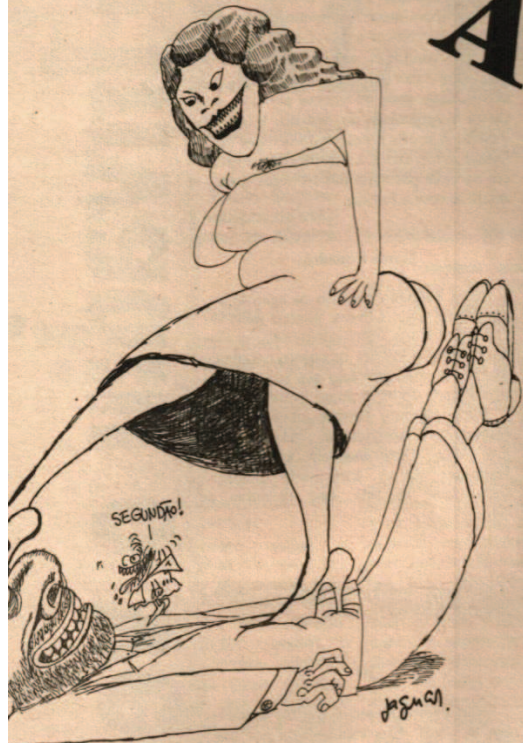
BETTY — Nós somos um grande movimento em todos os sentidos e não podemos formular nossos programas a partir de outros, entende? Porque a relação entre a mulher e o homem não é a mesma que entre o negro e o branco ou entre o europeu e o nativo. Mulheres como classe oprimida e o homem como classe opressora? Eu não engo a esta. Eu tenho de partir de minha própria experiência sexual e nada pode negá-la. As mulheres são oprimidas, sim, elas são a maioria oprimida da sociedade mas, em termos da família, por exemplo, as mulheres são tão opressoras quanto oprimidas. O problema tem de ser tomado como é e não a partir de qualquer modo de de qualquer revolução anterior. Nós sabemos para que nós estamos dizendo não e o que queremos em termos de moral humana genuína, de dignidade, de justiça e liberdade. Você sabe seu direito de ter sua própria imagem e sua própria voz nas decisões que afetam o destino da sociedade e de nossas vidas etc. Nós temos diferenças entre nós mesmas. Nós não herdamos as divergências dos outros: nós criamos nossas próprias divergências, entre nós. Eu não estou preocupada com política sexual, mas com política seria. Eu acredito no movimento da mulher como uma parte da política seria. Acho que a parte sexual é divisionista. Eu não digo que o homem é o inimigo; digo que o homem é também uma vítima, nosso companheiro, das injustiças da sociedade que oprimem ambos.

Macliel — Nos EUA, vocês têm a guerra do Vietnam, os negros, opressão e repressão em geral; aqui, no Brasil temos problemas parecidos. O



NOSSO CHAUVINIST PIG TENTA EXPLICAR

LÓGICA EMININ



ta nota me identifica logo se não é Paschoal Carlos Porco Chauvinista Mascuressão maldita me veio ouvir Ms Gloria Steinem a. Ms Steinem é muito enderia ser objeto sexual, se Foi mesmo? O equipaul de Ms Steinem é, como A líder não consegue produfo preciso. Agora, sabe fainfluenciar pessoas. Os nau, se preferirem, o que o a de great & good friends, raizadas no Establishment e muitos galhos e folhas. Para ire Nina Chaves, cito apenas la Viking Press. Esta editora s jornalistas e literatos aspiio, em geral, os críticos mais país. Se você fosse um deles, amorada do presidente? Ms es dos 30 anos, já era uma la revista New York, que é o chique local, em gazu de baquóide, sem dúvida, mas é ria das pessoas quer. Nada do nem escreveu em New York poeira de memória, exceto sta com Pat (Mrs Richard) que esta deu uma espinafra revistadora, do que Ms Steinem que Mrs Nixon disse foi o e desde moça trabalha duro ar uma família, que o sucesso aumentou o trabalho, o angús-

ta, a caseira; que ela, Pat, sabe muito melhor o que é tragédia do que uma jovem bonitinha, independente, protegida pela própria beleza, sem responsabilidade alguma além de produzir fofocas jornalísticas. Ms Steinem acha que ganhou.

Antes de New York, Ms Steinem tentara a CIA, ajudando a organizar a juventude mundial contra o comunismo, em festivais pela liberdade de cultura (não em países sob ditaduras de Direita, naturalmente) e coisas no gênero. Isso saiu de moda circa 1965 (Escalada de Johnson), e uma das vantagens de se viver em N.Y. é que se sabe logo o que é ou não é moda, porque a matriz é aqui. Foi por aí que Ms Steinem começou a se sentir oprimida. Apesar de nunca ter escrito uma linha teórica a respeito de mulheres, ao contrário de Friedan, Millet, Mitchell e outras menos votadas, em dias virou a primeira figura, em publicidade, do Movimento. A única explicação possível é a beleza da dona desse caderno, que fica muito bem na TV a cores. No primeiro número de Ms. revista de que ela é a dona (unindo o útil ao agradável, porque faturará horrores), Ms Steinem nos informa que a hostilidade entre homens nem de leve se compara aos maus tratos infligidos às mulheres quando querem abrir caminho num mundo masculino. Em outras palavras, Hiroshima é pinto perto do jeito que o Souza trata a Maria, quando esta procura emprego fora de casa.

O hímen complacente das pessoas aqui a esse tipo de coisa é ilimitado. E Ms Steinem usa e abusa. Agora, nos diz que pretende 50% de tudo para as mulheres. Algumas imagens nada eclesiásticas me ocorrem, mas é junho, spring is here, e me contendo. A lógica dessa pretensão é o que me interessa. Há discriminação sexual contra as mulheres, dizem as liberacionistas. Apud Ms Steinem, o negócio é criar uma discriminação a favor das mulheres. Sim, porque a questão não é o percentual que ela propõe. Qualquer sociedade, para ser produtiva, tem de se basear, na medida do possível (há sempre outras considerações), no critério de competência. Invertendo um pouco os papéis, podemos imaginar Jô Soares fazendo piquetes no Royal Ballet, porque deram o papel de Giselle a Margot Fonteyn e não a ele (que seria muito engraçado, falando nisso). Já é tempo que um homem danse Giselle, vários amigos meus, cala-te boca. E Ms Steinem não fica nisso. Diz também que apoiará qualquer candidata feminina contra um homem. Ou seja, se Ilse Koch, aquela que fazia abajur de pele humana, concorrer contra George McGovern à presidência, Steinem, judia, apoiará Koch, nazista.

Outro tipo interessante é Ms (e Mrs.) Bella Abzug. Não sei se vocês já viram a fotografia. Está na capa e dentro do Life (9/6/1972). Ela me lembra o capitão Ahab e Moby Dick, ao mesmo tempo, o que não é pouca porcaria. Abzug é deputada. Está na hora de reeleição. Rockefeller, governador do Estado de Nova York, deu um golpe no rezoneamento eleitoral, que não vou explicar, mas que resultou, entre outras coisas, em que Abzug perdeu o eleitorado mole da eleição anterior. Aí escolheu o distrito de um certo William F. Ryan, também democrata e ultra-liberal, como a adversária. O negócio foi tão violento que até o Village Voice, o qual, a exemplo de New York, está em todas as modas, protestou, porque a ficha de Ryan é exemplar. Abzug diz que não se interessa por isso: que o importante é que ela seja reeleita. Se um candidato homem dissesse isso, em N.Y., o New York Times, no dia seguinte, o crucificaria. Tirando a bombada (discreta) do Voice, Abzug escapou incólume. Em 10 de junho, o Times publicou uma carta de cinco médicos, inclusive três judeus (cito o fato porque Abzug é judia e Ryan não, claro), todos especialistas renomados em saúde pública, defendendo o trabalho de Ryan, no setor, e indignados com a campanha de fofocas que está sendo feita contra a saúde pessoal de Ryan, a quem os cabos de Abzug acusam de estar pela bola 7 (o que é uma mentira plausível, porque Ryan foi operado de câncer na garganta e, apesar de recuperado, ainda fala rouco). Imprensa e televisão assistem silenciosas à difamação de Ryan. Como me explicou um amigo de dentro, se o defendessem, Abzug e liberacionistas invadiriam escritórios, fariam piquetes, etc., etc., e ninguém mais tem saço.

Por fim, o aborto. Tem uma lei aqui que garante legalmente o aborto até 4 meses e duas semanas, o que médico algum me explicou, até hoje, como é que pode. Grupos de pressão católicos montaram uma campanha forte na Assembléia e conseguiram a rejeição. Rockefeller vetou e a lei continua de pé. O que fica claro, de saída, é a fraqueza do movimento liberacionista, que na hora de lutar em coisa supostamente decisiva para as mulheres, perdeu fácil contra os padres e beatos. Mas há outras coisas: acabei "apoando" o veto de Rockefeller por ser o mal menor. Desde que a lei entrou em vigor, meados de 1970 até abril de 1972, 350 mil mu-

heres usaram as facilidades. É um t de mulher. Não é possível que os as cepcionais tenham falhado tanto. C de burro crescem como locustos. que é: um aborto ilegal, numa "segura", custava 500 dólares. fazer a transferência para 3 mil cr e verificar logo que só uma perce mínima escapava dos carneiros. sai por 150 dólares, todo conforto, sive psiquiátrico, e se for indigente, de pato. Bem, não é preciso dizer um filho "natural" ou indesejado senta na sociedade de costumes me em que ainda vivemos.

Continuo achando que aborto- quidação (para usar um eufemism chevique) de uma forma de vida hu na melhor das hipóteses, sim, p aborto de 4 meses e duas semanas, s tido por lei, é assassinato puro e si Mas, enfim, é preferível uma incompe te distraída, ou imbecil viva do que i infeliz semi-concebido(a). Caímos na gem da Nietzsche & Gide, sobre a com excesso de gente. Mas a camp das liberacionistas pró-aborto é de um ateu bolchevique votar a favor, alegam que o corpo da mulher é pr dade privada. D. Eunice Kennedy Sh irmã dos brothers, escreveu uma car Times, notando que as prostitutas bém usam o corpo como propriedade vada, mas que as feministas se opô prostituição. Nenhuma resposta. que? É simples: não há. E a impi que fica da posição das liberacioni que a mulher concebe o filho soz logo, podendo dispor dele à vontade é bem assim, como sabemos. Há um e antítese, e elas querem eliminar a se. Não dá pé. Daqui a dois dias vã cotar uma festa de modelos fem pré-McGovern porque acham que n é prostituta. McGovern, covarder não comparecerá. Devo ser anti mas liberdade, para mim, é a gente que quer, desde que não cause d próximo. O que é "dano", no c tema de um longo debate filosófic não infligirei aos leitores. Agora, dade, para as liberacionistas, é tod do fazer o que elas querem. Dej ditadura do proletariado, a das m Tragédia e farsa. No caso do Abzug, Steinem e Cia., projet impressão de que é salutar e d extinguir fetos. Uma aula no uso concepcionais seria mais útil e r me parece. O fato de que não t mentos que resistam a uma anális meiranista de lógica, não as pro nisso, são bem filhas do Establi americano, que Nixon tão ben senta, apesar de elas o odiarem. dente falava choroso da pobre m Leningrado, Tânia, cuja famlil (ela inclusive) morreu no cerco enquanto os bombardeiros an faziam milhões de Tânicas (é ver não brancas) no Vietnam. Essa p paranóia não fica só no alto. De bém à cozinha.

P.S. Nossa amiga Betty Friedan n braço esquerdo sobre o dire Abzug e apóia Ryan, apesar de homem, pecado que se imagina doável. Talvez eu tenha exagera Mas é que burrice em excesso n minha neurastenia.



Não é objetivo desse trabalho analisar o discurso humilhante e desqualificador promovido pelos integrantes do *Pasquim* a intelectual e feminista Betty Friedan. Convidada pelos editores do jornal, Friedan aceita o convite pensando na estratégica divulgação de suas ideias. Não é de hoje que a beleza às mulheres impera como

Assim como as charges o discurso proferido pelo jornal concentra-se no corpo, do conteúdo estético da entrevistada ironizando ridicularizando sua presença. Não é de hoje que a beleza é um imperativo às mulheres. Escreveu Perrot, sobre essa ordenação histórica: “Primeiro mandamento das mulheres: a beleza. Seja bela e cale-se”. (2007.p.50) E continua: “a estética é uma ética” (2007.p.50).

A operação de estereótipos como esse, que ancoram a estética e a beleza ao corpo feminino, estão presentes não só no discurso gráfico produzido pelo *Pasquim*, estão dispersos nas minúcias de tantos outros discursos, como esse textual, exemplificado pela entrevista de Betti Friedan ao jornal. Destacamos aqui a pluralidade dos discursos desqualificadores às feministas, presentes não só nas imagens, mas, na composição editorial de todo jornal.

Dizer-se feminista no Brasil, durante a década de setenta, era um grande risco. Feminino e feminista eram representadas como concepções opostas. Ser feminista era comumente associado à luta de mulheres masculinizadas, feias, lésbicas, mal amadas, ressentidas e que odiavam homens, enquanto ser feminina estava ligado aos estereótipos de beleza, fragilidade, sensualidade, passividade, paciência entre outros. O feminismo era comumente taxado como um discurso de ódio ao homem e ao masculino, conforme propõe a figura 06.

A agressividade da mãe, representada pelo olhar, pela geometria simbólica dos dedos, o rangerem dos dentes compõem a expressão de ódio da mulher ao saber que criança é do sexo masculino. Através de representações como essas, se consolidou a idéia de que feminismo propõe uma guerra entre os sexos e não a convivência, igualdade e respeito mútuo entre ambos. A composição verbal no modo imperativo formata o sentido de ordem à sua fala: “CAPA” em negrito e caixa alta, evidencia a tentativa do chargista de (re) produzir essa concepção misógina atribuída à feminista. Os pés, desproporcionais ao tamanho do corpo tomam grande destaque sobre a maca, insinuando a opção sexual da mulher: feminista “sapatão”.

IMAGEM 06



IMAGEM 07



Na imagem 07, Ziraldo utiliza-se do humor provocado pela inveja do pênis desde a infância. A garota histérica, o que pode ser lido pelo tamanho de sua boca ao bravejar a ausência do pênis, idéia que ainda é reforçada pelo tamanho das letras proferidas em seu diálogo. O pai é categórico, questionadora e histérica, “tá com cara de feminista”, sentencia a solidão e a solteirice de sua filha. Evidenciar a experiência desse novo grupo social a partir da ótica do chargista não finaliza a intenção deste trabalho. Mais do que torná-las visíveis questionamos como se tornaram possíveis.

As charges aqui selecionadas são indiciárias da eclosão e da protagonização de uma nova geração de mulheres cujas reivindicações ultrapassavam as barreiras relativas aos direitos políticos, econômicos e de acesso educacional. Cada vez mais assuntos ligados à sexualidade e à violência contra as mulheres ganhavam corpo tornando visível sua atuação.

Questões sobre comportamento, individualidade, práticas culturais como as mudanças da moda, da sexualidade e direito ao próprio corpo não escaparam ao fenômeno chargístico. A imagem abaixo é emblemática de como novos modelos comportamentais emergiam. A revolução sexual chegou por aqui com novos modelos de gênero e feminilidades e com eles, um novo jeito de vestir de pensar e de agir.

A minissaia minava os antigos padrões de bom comportamento davam indícios que a revolução sexual aportara por aqui, conforme mostra a imagem 08.

IMAGEM 08



A crítica à adoção da minissaia por parte dos homens na charge acima e apenas um reflexo de uma mudança de comportamento muito maior proporcionado pela “revolução sexual”. Foi nessa década que a ideia de “direito ao prazer” e ao próprio corpo rompia tabus e o corpo, em especial o corpo feminino reivindicava sua liberdade. Lembramos aqui da importância da pílula anticoncepcional, que longe de outras doenças ainda não existentes, possibilitou os jovens uma experiência única na vida sexual das mulheres. A pílula libertou o corpo feminino da reprodução. De acordo com Del Priore: “a pílula foi aceita por homens e mulheres, não só porque era confiável, mas também porque era confortável” (2011.p.179).

Nesse sentido a minissaia riscada pelo chargista Zivaldo na imagem 08, está imersa num cenário de mudanças ainda maior. A minissaia se torna sintomática do corpo que tenta se despir, não só das roupas que o vestem, mas de um conjunto de regras e significados que também o regem. Mais do que uma nova moda de vestimentas um novo modelo de feminilidade e de comportamento eclodia nesse período. Novos modelos de feminilidades, novas tendências, novas experiências adentram a década de setenta no Brasil.

No estudo intitulado “A visibilidade da experiência” (1991), Joan Scott problematiza a atual prática dos historiadores, que tem por função documentar as vidas omitidas ou negligenciadas nos relatos do passado. Esses, amparados na autoridade da experiência (tomando esta como um caráter incontestável da verdade), têm reivindicado a visibilidade dos excluídos da narrativa histórica na tentativa de reparar um erro ou, nas palavras de Scott, “como uma ampliação do quadro, uma correção daquilo que fora negligenciado”. Há um esforço na prática do ofício em ampliar a noção de sujeitos históricos e suas vivências, mas, ressalta Scott, pensar à experiência como prova incontestável e como ponto de explicação originário é o que enfraquece o impulso crítico da história da diferença. Tomam como auto evidentes as identidades daqueles cuja experiência está sendo documentada, e dessa forma tornam naturais às diferenças.

A visibilidade da experiência se torna então evidência para o fato da diferença, em vez de se tornar uma forma de explorar como a diferença é estabelecida, como ela opera, e como e de que maneira constitui sujeitos que vêm e atuam no mundo. (SCOTT. 1998. Pág. 302)

IMAGEM 09



Concordamos com Scott que pensar os sujeitos históricos através da evidência (como prova) diminui ou impossibilita pensar o potencial construído dos sujeitos em suas experiências, ou seja, já se pensa a diferença a partir de uma lógica indentitária provinda de uma posição universal do sexo. Questões sobre a natureza construída da experiência, como a visão, a linguagem é estruturada são postas de lado, tornando “a experiência evidência para a naturalização da diferença (SCOTT. 1998 p.303)”.

Ao invés de pensar como a diferença foi estabelecida, como elaboram sujeitos que vêm e atuam no mundo, a experiência trabalhada como evidência limita-se ao campo do visível, que mais produz uma lógica da diferença do que a questiona.

1.2 O feminismo sob os riscos de Ziraldo, no *Pasquim*.

Fundado ainda em sessenta e nove logo após a outorga do AI-5, O Pasquim foi publicado com uma tiragem de vinte mil exemplares e em meados de setenta ultrapassava a tiragem de duzentos mil, tornando-se um dos maiores fenômenos do editorial brasileiro. O Pasquim revolucionou a maneira de se fazer jornalismo modificando a forma de comunicação impressa, já que, para além de ser lido era um jornal para ser visto.

O Pasquim – diferentemente do que acontece mesmo com os jornais alternativos – tem a clara intenção de produzir desde o efeito visual um choque, promovendo estranhamento. Vemos isso no formato, que se constitui de início uma afronta aos padrões da imprensa brasileira. Vemos isso na projeção da página, nas ilustrações interativas, nos grandes cartuns transformados em séries, nos textos figurativos, na profusão de fotografias, nas chamadas provocativas etc. (OLIVEIRA. 2007.p. 57).

O texto está sempre acompanhado de uma imagem, sejam elas de ilustração ou sátira política. E estas, por sua vez, oferecem uma leitura para além do visual. Para Natali Nogueira, “a página é trabalhada de maneira gráfica, de modo a ser mais do que um suporte de leitura, é como um desenho, onde todos os elementos se complementam”. Mais do que uma onda de neologismos, o Pasquim inseriu no cotidiano social uma nova forma de pensar a política, o que Millor Fernandes enfatiza “como o de um inventor de um novo paradigma textual, baseado nas artes visuais da crônica”. A imagem 10 demonstra como os elementos gráficos são trabalhados de forma central e não mero apêndice ou ilustração do jornal.

IMAGEM 10



No Pasquim, a imagem não é mera paisagem, mas testemunha de seu tempo e de si própria. Percebe-se em suas páginas o reconhecimento da imagem em sua força que tem de mobilizar, gerar ações e reações, dando a conhecer algo, em sua função simbólica, produzindo acessos possíveis, pelos códigos especiais que comporta, a determinados significados, relatando sensações e emoções, produzindo outras possibilidades de lidar com determinada realidade. (OLIVEIRA). 2007. Pág.59

No exercício de análise das charges de Ziraldo aqui selecionadas, foram suscitados alguns questionamentos que apontavam um olhar preconceituoso, machista e desqualificador lançados sobre o movimento feminista e às feministas, o que nos remete e nos convida a uma reflexão complexa sobre as representações das relações de gênero.

Para melhor compreendermos esta complexidade levamos em conta o estudo de Le Goff, sobre como o historiador deve proceder diante da “leitura” de seu documento. Para este autor, o documento deve ser analisado enquanto um “monumento”, ou seja, “como fruto de relações de força de uma determinada sociedade, que traz de forma oculta, ou não, um discurso que permeia a trama social”. E completa: “o documento é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder”. Só a análise do documento enquanto monumento permite ao historiador uma análise mais densa e complexa que permeie as margens dos discursos sexistas grafados socialmente.

Foi o que Soihet demonstrou em seu estudo “*Preconceitos nas charges de O Pasquim: mulheres e a luta pelo controle do corpo*” (2008). A historiadora aponta os preconceituosos traços de Ziraldo sobre as reivindicações das feministas no início de oitenta. Soihet lembra que *O Pasquim* era uma oposição, de esquerda, também às “mulheres que haviam se decidido pela luta por seus direitos, ou àquelas que assumiam atitudes consideradas inadequadas à feminilidade e às relações estabelecidas entre os gêneros” (SOIHET, 2008). A fim de sustentar esse argumento, apresenta uma análise sobre uma charge que marcou um episódio interessante entre as feministas e o desenhista Ziraldo.

Publicada no ano de 1980, a charge intitulada “*O piche*” (imagem 11), se remete ao lema carregado nos cartazes pelo movimento feminista: “Que as mulheres decidam. Nosso corpo nos pertence”. De acordo com Soihet, Ziraldo “modificara o significado da frase, valendo-se de um dos recursos corriqueiros em relação à representação das

mulheres quando se buscava sua desqualificação”, uma vez que “ao lado do dístico lançado pelas feministas, apresentava uma mulher com formas das mais exuberantes, exaltando a sua nudez”. (SOIHET, 2008, p.50)

IMAGEM 11



Com traços que reforçavam estereótipos do feminino e do “feminista”, o chargista ridicularizou e debochou da crescente onda de conscientização das mulheres sob o domínio histórico de seu corpo e de seu lugar social que tomava conta do país naquele momento.

Na representação intitulada “*O Piche*”, percebemos uma tensão entre o discurso feminista articulado na década de setenta e o discurso conservador em torno dos corpos femininos representado nas charges de Ziraldo. Na figura do lado esquerdo é nítida a rigidez das mãos da mulher que representa a feminista em contrapartida das mãos da mulher ao lado. O punho esquerdo rigidamente fechado propõe ao leitor a relação com as feministas de setenta que em sua maioria atuavam na esquerda política do período. Os traços quadrados e alargados reforçam a intenção da imagem de masculinizar a feminista. Na figura da direita por sua vez, os traços tendem a reforçar os estereótipos da sensualidade e beleza. O corpo “violão”, os cabelos lançados ao vento são representados através de traços circulares que tinham como objetivo exaltar as formas exuberantes do corpo feminino.

Assim, “a charge provocou a indignação das feministas envolvidas na causa que logo decidiram se vingar pichando o muro da casa do autor, com a frase: Ziraldo, o Doca Street do humor”. Ziraldo chegou a comentar o episódio uma nota do Pasquim, dizendo:

Apesar de profundamente neuróticas, agressivas e carentes, bastante inteligentes e até mesmo brilhantes. São em geral, muito bem informadas, cheias de cursos e diplomas. Como, porém, a maioria das pessoas que se informam de-formadamente, não conseguem transar bem a chamada decodificação da mensagem humorística. (SOIHET. 2007.p.56)

IMAGEM 12



Pensar o corpo feminista no decorrer da década de setenta é inserir o corpo na história em conflito com as mudanças do tempo, pois como cita Perrot “o corpo tem uma história” (2007.p.41). E o corpo feminista não escapa a essa constatação. Pensar a historicidade do corpo feminino e principalmente do corpo feminista, demonstra a dimensão lançada pelo olhar do outro. Na imagem 12, por exemplo, Ziraldo representa a feminista e o seu corpo com traços fortes de agressividade. Representada pelos dentes rangentes, o tamanho desproporcional das mãos e os cabelos espalhafatosos. A charge revela o sentido de que as feministas desejam não só o lugar social ocupado pelo sexo oposto, como também desejam se apoderar do próprio sexo oposto. É clara a representação de “inveja do pênis”, com traços reveladores de ódio, inveja e histeria, revelados pela postura gráfica da feminista.

Mesmo atuando num cenário hostil às suas reivindicações as feministas de setenta politizaram o privado e o corpo alertando as mulheres sobre sua opressão historicamente imposta. Tais questionamentos levaram alguns intelectuais a considerar o maior e mais importante movimento deste final de século.

O movimento feminista denuncia a manipulação do corpo da mulher e a violência a que é submetido, tanto aquela que se atualiza na agressão física – espancamentos, estupros, assassinatos – quanto a que o coisifica enquanto objeto de consumo. Denuncia da mesma forma a violência simbólica que faz de seu sexo um objeto desvalorizado. Reivindica a autodeterminação quanto ao exercício da sexualidade, da procriação, da contracepção. Reivindica, também, o direito à informação e ao acesso a métodos contraceptivos seguros, masculinos e femininos. (ALVES, PITANGUY 2003, p.60/61).

No Brasil, além de denunciar as construções sociais entre homens e mulheres, o movimento abrange ainda outra frente de luta junto a outros movimentos sociais, alguns ligados a Igreja Católica, como a Pastoral da Terra, e de outros setores, como a Organização dos Advogados do Brasil (OAB), os metalúrgicos do ABC paulista e a própria União Nacional dos Estudantes (UNE). A frente feminista marcou presença na resistência contra a ditadura militar, marcada pela forte presença repressiva do Estado que desde 1964, sob o pretexto de garantir a Lei de Segurança Nacional, utilizava-se da violenta

repressão política, tornando-se comuns as prisões e as torturas de opositores políticos ao regime.

Articulado com outras categorias, as feministas atuam fortemente contra a repressão promovida pelo Estado, marcando sua importância enquanto movimento social de resistência à ditadura militar. A conjuntura repressiva efetuada pela política da época proporcionou um momento de grande relevância ao movimento, que, devido à luta contra a ditadura acabou por dar visibilidade e uma crescente politização de suas integrantes.

Mas a consciência da luta contra a opressão ultrapassava a base economicista e política ganhando um contorno crítico da manifestação das relações de poder entre homens e mulheres.

Entrincheirado constantemente com discursos que condenavam sua atuação, o movimento foi traçado pelo Pasquim como um movimento de mulheres feias, histéricas, mal amadas, mal humoradas e quando não, lésbicas assexuadas. Essas representações tomaram contornos sob as mãos de um dos principais chargistas do periódico: Ziraldo, que traçou o movimento feminista a partir de seu lugar social. E a partir de seu lugar de mundo imprimiu um conjunto de significado sobre o que é feminismo e o ser feminista, o que nos intriga e nos convida a uma análise minuciosa das representações de gênero representadas na obra do chargista Ziraldo.

O *Pasquim* é apontado por muitos estudos como um ícone de protesto e irreverência na luta contra a ditadura. O folhetim revolucionou a linguagem jornalística e uma de suas estratégias foi o uso da imagem, e, com ela, o uso coloquial do texto, já que, no jornal escrevia-se como se falava.

Com o uso de neologismos e palavrões, o Pasquim potencializou o espírito de protesto e atraiu de forma carismática seu público leitor. Somando ainda à sua tática de ataque, o uso da linguagem gráfica, estrategicamente traçada por seus chargistas que pincelaram críticas e visões de mundo que ridicularizaram a ditadura e entrincheiraram outros movimentos, inclusive o movimento feminista.

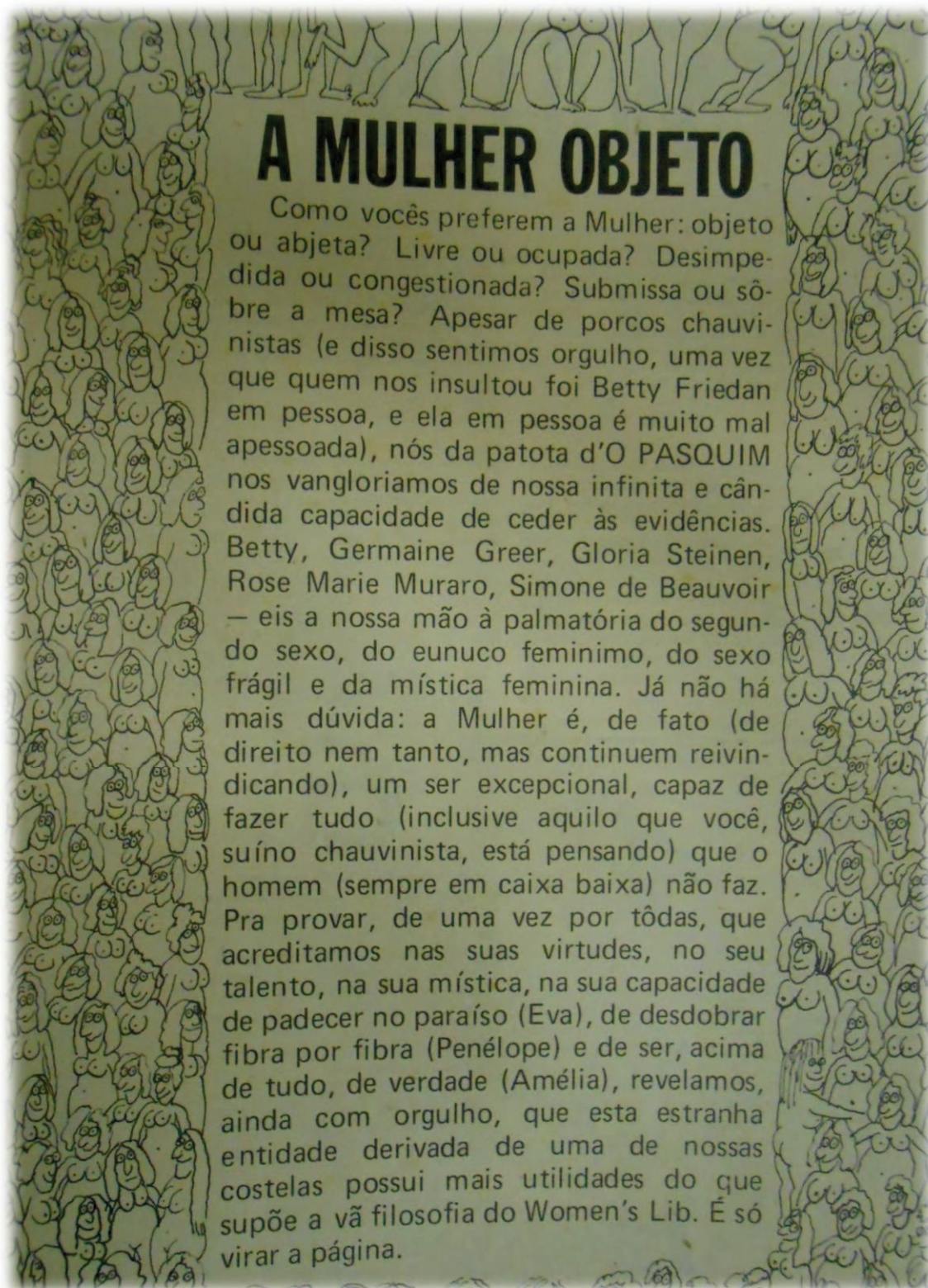
IMAGEM 13



As “angústias” da mulher representadas pela jovem deitada no divã, com suas pernas bem abertas propondo ao leitor que seu problema era de certa forma seu apetite sexual. Retratada por uma mulher jovem, uma adolescente mais precisamente, fato reforçado pelo penteado infantilizado do cabelos, pela calcinha bordada, o que induz a (o) leitora (or), a pensar a visão de objeto sexual que é conduzida a personagem feminina da charge. Ao contrário do personagem masculino, cujo traço reproduz um médico analista, másculo e viril (observa-se o tamanho dos pés desproporcionais ao resto do corpo). Um olhar mais sensibilizado, permite ainda a observação do risco fálico do cotovelo do psicanalista que sutilmente remete a um pênis em direção a vagina da mulher. A representação da mulher como objeto é uma prática comum no Pasquim que, sob os traços do chargista, imprimia toda uma forma de agir e pensar sobre o significado de ser mulher e ser mulher feminista.

Representar a mulher objeto ou até mesmo “abjeta”, adjetivo utilizado pelos próprios “pasquianos”, era estratégia comum nas publicações gráficas e textuais no periódico. Semanalmente o país era atingido por estilhaços de ideias como estas impressas na imagem 14:

IMAGEM 14



A MULHER OBJETO

Como vocês preferem a Mulher: objeto ou abjeta? Livre ou ocupada? Desimpedida ou congestionada? Submissa ou sobre a mesa? Apesar de porcos chauvinistas (e disso sentimos orgulho, uma vez que quem nos insultou foi Betty Friedan em pessoa, e ela em pessoa é muito mal apessoada), nós da patota d'O PASQUIM nos vangloriamos de nossa infinita e cândida capacidade de ceder às evidências. Betty, Germaine Greer, Gloria Steinen, Rose Marie Muraro, Simone de Beauvoir — eis a nossa mão à palmatória do segundo sexo, do eunuco feminimo, do sexo frágil e da mística feminina. Já não há mais dúvida: a Mulher é, de fato (de direito nem tanto, mas continuem reivindicando), um ser excepcional, capaz de fazer tudo (inclusive aquilo que você, suíno chauvinista, está pensando) que o homem (sempre em caixa baixa) não faz. Pra provar, de uma vez por tôdas, que acreditamos nas suas virtudes, no seu talento, na sua mística, na sua capacidade de padecer no paraíso (Eva), de desdobrar fibra por fibra (Penélope) e de ser, acima de tudo, de verdade (Amélia), revelamos, ainda com orgulho, que esta estranha entidade derivada de uma de nossas costelas possui mais utilidades do que supõe a vã filosofia do Women's Lib. É só virar a página.

1.3 “ANIS-TIA” sob a ótica de gênero.

Liderado por Terezinha Zerbini, mulher de um general cassado ainda em 1968, o movimento das mulheres pelo processo de anistia espalhou-se pelo Brasil, dando legitimidade ao Movimento Feminista enquanto organização política, angariando com sucesso um grande número de novos adeptos. Iniciado logo após as primeiras cassações políticas 1964, juntamente com outras mulheres, Terezinha Zerbini conseguiu espaço em um colégio religioso de São Paulo para receber alimentos e roupas a serem doados aos jovens que estavam na clandestinidade ou presos. A função principal, porém, era conseguir notícias. Foi quando também surgiram as Mães de São Paulo contra a Violência. Esse grupo é considerado por ela o embrião do movimento pela anistia no Brasil. Não é só a consciência política que as une, é a consciência de seus corpos e experiências. Articuladas e organizadas as mulheres brasileiras criaram o Movimento Feminista pela Anistia, no final do ano de 1975.

Esse movimento tinha como proposta denunciar as repressões que o governo militar havia imposto aos cidadãos brasileiros. Grande parte do grupo da militância era composta por mulheres que viram seus maridos e filhos serem torturados, exilados e assassinados pelo regime militar. Articulado fora dos partidos políticos e de outras ideologias, o movimento foi muito apreciado pela sociedade, dando espaço à simpatia de vários grupos políticos. A grande relevância da presença das mulheres na luta pela anistia pode ser ainda constatada na manchete do jornal O Movimento: matéria referente a uma sessão sobre o processo de anistia debatido no Congresso Nacional, que debatia e reivindicava a volta das/dos exiladas/os ao país. Destacava que era importante ainda lembrar que a luta só começou de forma organizada, em 1975 com o Movimento Feminino pela Anistia.

A anistia de 1979 permitiu ainda a volta de centenas de mulheres que haviam sido exiladas durante o regime militar e isso possibilitou um rico reencontro, já que junto à experiência de vida das exiladas, estas trouxeram também as influências dos ideais feministas difundidos no exterior, principalmente na Europa, o que contribuiu para fortalecer a corrente feminista no movimento das mulheres brasileiras nos anos seguintes. O crescente engajamento e participação da mulher no cenário político e econômico junto

às mudanças na condição de vida das mulheres, resultado de um crescente desenvolvimento desde a década de sessenta, somada a sua atuação no cenário repressivo, efetuada pela política da época, proporcionou um momento de grande relevância ao movimento que, devido à luta de resistência à ditadura, acabou por ganhar maior visibilidade, abrindo caminho para uma crescente discussão sobre a exclusão política das mulheres. Bastante “receptivo” ao movimento Ziraldo publica em setenta e nove:

IMAGEM 15



Na imagem publicada em setenta e nove, Ziraldo cria um “trocadilho gráfico” para ridicularizar a participação das mulheres na conquista da Anistia. Enfatiza que mesmo após a participação e conquista a luta “delas” ainda não havia terminado... “deviam continuar na briga” a procura de um marido, pois estavam ficando para “titias”.

Os traços quadrados para representar as feministas continuam como tática de Ziraldo para “masculinizá-las”. A “placa” tomada pelo braço esquerdo enfatiza a referência ao movimento feminista, com fortes componentes da esquerda política. As pernas de traços retos reproduzem uma rigidez no caminhar, como se as feministas estivessem a marchar, outra tática de masculinizar as personagens representadas de forma rígida e disciplinadas.

Os cabelos, sempre curtos ou amarrados retiram-lhe “a feminilidade” reforçando o estereótipo. O sorriso traz um ar contido em contraponto com as quatro pessoas ao fundo que, com um sorriso aberto e traços circulares, se diferenciam graficamente das feministas. O arredondamento dos traços nos personagens ao fundo não é exíguo de intencionalidade. Um dos objetivos do chargista é tornar os traços leves, delicados, transferindo um aspecto de feminino aos dois homens que se abraçam ternamente, dando a entender que o movimento era também de homossexuais.

Foi sob a ênfase do deboche e do humor, que o consagrado veículo da imprensa alternativa, o Pasquim imprimiu, através de suas charges, representações que sedimentaram sentidos na memória social riscando as feministas como feias, assexuadas e agressivas, o que por sua vez nos convida a pensar a imagem como um lugar privilegiado da operação do discurso gráfico de gênero.

Inserido no processo de uma conservadora modernização, vivenciado pelo país, as feministas politizam o público e o privado deslocando o eixo da concepção do ser mulher, atrelado historicamente à maternidade, a esfera privada e ao casamento. No exercício de análise das charges de Ziraldo, foram suscitados alguns questionamentos e que, a partir da sensibilidade e experiência do olhar, nos convidam a uma interpretação mais aguçada por parte da (do) historiadora (or) de imagens. Propomos então a leitura dos traços das charges de Ziraldo, que dão a ser lidos como textos, onde traços, riscos e rabiscos se dão como significantes poderosos quando lidos sob as lentes da categoria gênero.

A década de oitenta inicia-se politicamente agitada e a Lei de Anistia contribuiu significativamente para esse momento, já que possibilitou a volta de vários intelectuais para o país. Apenas três meses depois da aprovação dessas, uma nova lei punha fim ao bipartidarismo e permitia a formação de novos agrupamentos políticos.

A Arena e o MDB foram extintos e formaram-se novos partidos. Os integrantes da ex- Arena formaram o PDS (Partido Democrático Social). O extinto MDB deu origem a quatro novos partidos: O PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), liderado por Ulisses Guimarães; o PP (Partido Popular), liderado por Tancredo Neves; O PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), liderado por Ivete Vargas, sobrinha neta de Getúlio Vargas; e o PDT (partido Democrático Trabalhista), liderado por Leonel Brizola. Em oitenta, o PT (Partido dos Trabalhadores) completa essa lista.

Natural de São Borja (RS), Ivete Vargas ¹destacou-se na história política do país. Eleita deputada por um maior número de vezes (seis), iniciou seus paços na política na adolescência e com apenas vinte três anos foi eleita deputada por São Paulo (1951). Nesse mandato destacou-se pelo projeto de lei que assegurava a estabilidade do emprego, quando em estado de gravidez. Participou de várias outras eleições sendo eleita em 1954, 1958 e 1962, até ter seu mandato cassado pelo AI-5. Em 1982, numa disputa pela sigla do seu partido (PTB), envolveu-se numa divergência com Brizola que tomou os seguintes contornos nas mãos de Ziraldo:

¹ Informações cedidas pela Câmara dos Deputados. Centro de Documentação e Informação.

IMAGEM 16



“A Norma entrou pro PDS”. O uso de um substantivo feminino para reverenciar os antigos integrantes da Arena é intencional. Norma produz o sentido de lei, de ordem, bastante pertinente para referir-se aos “novos” integrantes do PDS. Mas Norma produz também outra interpretação. Remete a um nome de mulher, gerando na fala do personagem, um duplo sentido. Numa pincelada só o chargista lança mão da crítica aos apoiadores do regime e evidencia a presença das mulheres no cenário político.

A fala, atribuída ao personagem que anuncia a entrada de Norma Bengel pro PDS, é transcrita por uma grafia diferenciada, um traço que se faz, de certa forma, delicado, (ao contrário dos outros personagens), como se o chargista ponderasse o traçado. Um meio de produzir leveza nos riscos, imprimindo à fala do personagem um ar de delicadeza e fragilidade. A mulher, representada sem o sutiã, delineia a imagem de uma feminista masculinizada, estereótipo reforçado pelas calças largas, os ombros curvados e um alongado pescoço fálico. A associação da figura feminista ao lesbianismo continua como tática de ridicularização do chargista, como é dado a ver na charge analisada.

A ocupação das mulheres e das mulheres feministas no espaço público promoveu mudanças substanciais no cenário político, exemplificado pelo seu protagonismo no movimento pela Anistia. A partir dessa forte e crescente atuação o espaço político, mesmo minado pela ditadura, vislumbrou um momento ímpar de feminilização da luta contra a ditadura, o que por sua vez, fortaleceu o movimento feminista e visibilizou a luta das mulheres na política brasileira.

O movimento feminista foi responsável por dar uma grande visibilidade às mulheres em todos os espaços da vida social, política e cultural. A crítica às velhas práticas femininas e o repensar das mesmas, possibilitou que as mulheres politizassem o lar, o privado e as práticas simbólicas.

Essa nova forma de ver e fazer a história das mulheres impulsiona inclusive as historiadoras feministas, que mais do que tentar dar visibilidade às mulheres nos estudos de história, anunciaram uma nova prática histórica. Isto porque, ao se debruçar nos estudos das mulheres na história, os estudiosos se viram sem um aporte teórico e documental que pudesse auxiliá-los. O silêncio e o silenciamento das mulheres na História chama a atenção dos historiadores para o lugar de articulação do discurso, ou como propõe Foucault, “a colocação do sexo em discurso”. Quem fala? Para quem Fala?

De onde se fala? Novas experiências, novos olhares, possibilitam o surgimento de uma Nova História.

Nessa perspectiva é que a historiadora, Margareth Rago, alerta para a necessidade de um discurso histórico diferenciado, uma espécie de leitura feminista da história que “seja capaz de criar novos conceitos e chamar a atenção para campos de problematização e para fontes documentais até então ignorados ou subestimados”. (RAGO. 1996. Pág.18)

Amparada por esses estudos é que propomos a leitura dos traços das charges de Ziraldo que dão a ser lidos como textos, e que, a partir da sensibilidade e experiência do olhar, nos convidam a uma interpretação mais aguçada por parte do historiador. Foi o que tentamos demonstrar nessa dissertação. Entre traços e textos refletimos o potencial das imagens para a representação de uma trama que se propõe a explicitar a tensão dos discursos enunciados pelas charges de Ziraldo, em contrapartida com o discurso feminista que se articulava durante a década de setenta. Tal perspectiva evidencia o foco privilegiado, exercido pelas imagens ao serem lidas sob a ótica de gênero. Os discursos gráficos, traçados por Ziraldo, operam um conjunto de significações sobre o ser mulher e ser feminista. O corpo, o rosto como um território. Território ocupado e operado pelo olhar do outro.

Os risos provocados pelas charges vinculadas pelo *Pasquim* desafiaram a ditadura, ridicularizaram inimigos e ultrapassaram tempos. Não é raro encontrar estudos acadêmicos e inúmeras publicações que reverenciam o periódico publicado pela primeira vez em sessenta e nove e que minou o Estado militar com seu jeito irreverente de se fazer jornalismo. Acompanhado sempre de uma imagem, seja ela de ilustração ou sátira política, o periódico é considerado um divisor de águas na forma de se fazer jornalismo no Brasil por trabalhar suas páginas de forma gráfica, ou como cita Millôr Fernandes “como o de um inventor de um novo paradigma textual, baseado nas artes visuais da crônica”. Semanalmente, *O Pasquim* armava-se do uso de neologismos, palavrões, textos, charges e cartuns e ocupava um território tomado pelo silêncio, medo e censura. O jornal não derrubou a ditadura, mas a tornou refém do ridículo e do grotesco, provocado principalmente pelo humor gráfico impresso em suas páginas.

Derivada da palavra italiana *Paschino*, Pasquim significa tabloide ou panfleto de humor. E o nome do jornal já anunciava sua prática jornalística, uma espécie de subversão pelo riso, seja da política ou das novas práticas de comportamento. E foi com essa carga humorística que o jornal entrincheirou a ditadura e também outros ‘inimigos’, dentre eles, o movimento feminista! Atuando sobre o mesmo território as feministas de setenta politizaram o privado e o corpo alertando as mulheres sobre sua opressão historicamente imposta.

O feminismo brasileiro nasceu e se desenvolveu em um difícilíssimo paradoxo: ao mesmo tempo, que teve de administrar as tensões entre uma perspectiva autonomista e sua profunda ligação com a luta contra a ditadura militar no Brasil, foi visto pelos integrantes dessa mesma luta como um sério desvio burguês (PINTO, 2003, p, 45) .

E nessa contra corrente, o movimento se articulava e se deparava constantemente com discursos que condenavam e ridicularizavam a atuação e reivindicação de igualdade entre os sexos. E Ziraldo foi um desses enunciadores que contornou o movimento feminista a partir de seu lugar social e traçou um conjunto de representações sobre o significado de feminismo e de ser feminista, o que nos intriga e nos convida a uma análise minuciosa das representações² de gênero, pinceladas pelo chargista. Tomada por esses apontamentos, pensamos a charge como elemento estratégico de representação e como um lugar de poder, ou como pensa Flores: “como um cenário das forças ideológicas em ação que reverencia antes de tudo as ideologias em circulação” (FLORES, 2002.p.23).

Mesmo atuando em várias frentes de luta, seja contra o estado antidemocrático, seja a opressão do corpo ou outras reivindicações políticas a mulher, a desqualificação e ridicularização de sua atuação e de seu corpo ainda eram mais importantes na visão do chargista, como podemos ver no texto e nos traços da imagem 17.

² Tomando por base as definições de Chartier as representações sociais constituem-se formas peculiares de apreender características cotidianas, culturais e também econômicas de uma determinada sociedade. As representações são fenômenos sociais que, se entendidas a partir do lugar de onde são produzidas, podem ser consideradas como expressões da realidade.

IMAGEM 17



Lembrando que, ao contrário dos países do continente europeu e dos E.U. A, que contavam com um cenário bastante favorável ao seu desenvolvimento, o movimento feminista brasileiro se articulou num cenário bastante diferenciado. Acuadas pelo Estado militar as feministas eram também cercadas por integrantes da mesma luta, visto como um “desvio pequeno burguês” por grande parte da esquerda da época, conforme dar se a ver nos contornos do chargista.

Ziraldo foi um articulador do discurso que contornou as transformações de comportamento e novas ideias. O direito ao prazer, a autonomia de seu corpo e tantas outras reivindicações presentes na pauta feminista foi forjado pelo chargista a partir de seu lugar social que margeou um conjunto de representações sobre o significado de feminismo e de ser feminista, o que nos intriga e nos convida a uma análise minuciosa das representações³ de gênero. Num pincelar de dedos Ziraldo esboça sob suas charges uma retórica da alteridade, uma representação construída sobre o outro a partir de seu olhar e de sua visão social de mundo. Com traços que reforçavam estereótipos do feminino e do “feminista”, o chargista ridicularizou e debochou da crescente onda de conscientização das mulheres sob o domínio histórico de seu corpo, que ganhava cada vez mais visibilidade nesse período.

Mas, nas mãos do chargista, as reivindicações ganham outros contornos. O que os traços de Ziraldo evidenciam sobre o ser mulher? E sobre ser feminista? O que é dado a ver? O que é dado a crer? E de que forma e dado?

Num agenciamento de signos e significados, Ziraldo produziu uma cadeia de sentidos sobre essa nova atuação das mulheres. Mais do que evidenciar tais signos, propomos pensar como se organizam, como se estruturam e qual efeito simbólico produzido em seu destinatário.

³ Tomando por base as definições de Chartier as representações sociais constituem-se formas peculiares de apreender características cotidianas, culturais e também econômicas de uma determinada sociedade. As representações são fenômenos sociais que, se entendidas a partir do lugar de onde são produzidas, podem ser consideradas como expressões da realidade.

A edição de nº68, publicada no período de 11 a 17-03-71, trazia como carro chefe a entrevista de Adalgisa Neri que, junto às charges de Ziraldo, produziram uma representação notória no país. Poetisa e articulista política, Adalgisa Neri, destacou-se como articulista política no Jornal a Última Hora, onde publicava diariamente matérias em sua coluna “Retrato sem Retoque”. Em 1960, foi eleita para a Assembleia Constituinte do Estado da Guanabara. Eleita pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) foi reeleita por mais dois mandatos em 62 e 66. Adalgisa distinguiu-se no Parlamento Estadual por sua postura ética irrepreensível e por seu combate ao governo de Carlos Lacerda. Em 1969, foi cassada pela Junta Militar, que governava o país. Adalgisa destacou-se como articulista política no Jornal a Última Hora onde publicava diariamente matérias em sua coluna “Retrato sem Retoque”. De poetisa ao cenário político, Adalgisa⁴ foi uma mulher de destaque na história do Brasil nesse período.

O Pasquim evidenciava aspectos sobre a emancipação da mulher e das novas práticas de comportamentos. O depoimento de Adalgisa Neri, no início da entrevista, já indicava a forma que a questão do movimento feminista e das mulheres feministas era abordada. Entrevista por Paulo Francis Adalgisa dispara contra o movimento feminista que ganhava cada vez mais visibilidade no país:

Inicialmente eu sou contra feminista, acho horroroso feminista. Acho que a mulher é um complemento do homem. Tem qualidades, tem virtudes, tem energias e tem conhecimentos e vivências que se somam às vivências, às sensibilidades e às reações do homem, então formam uma unidade. A mulher não é superior e nem inferior ao homem. (*O Pasquim*, 1971, p, 14)

⁴ O sucesso da coluna levou-a a se candidatar pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), sendo eleita para a Assembleia Constituinte do recém-criado estado da Guanabara em 1960. Foi reeleita por mais dois mandatos em 62 e 66. Adalgisa distinguiu-se no Parlamento Estadual por sua postura ética irrepreensível e por seu combate ao governo de Carlos Lacerda. Em 1969, foi cassada pela Junta Militar que governava o país.

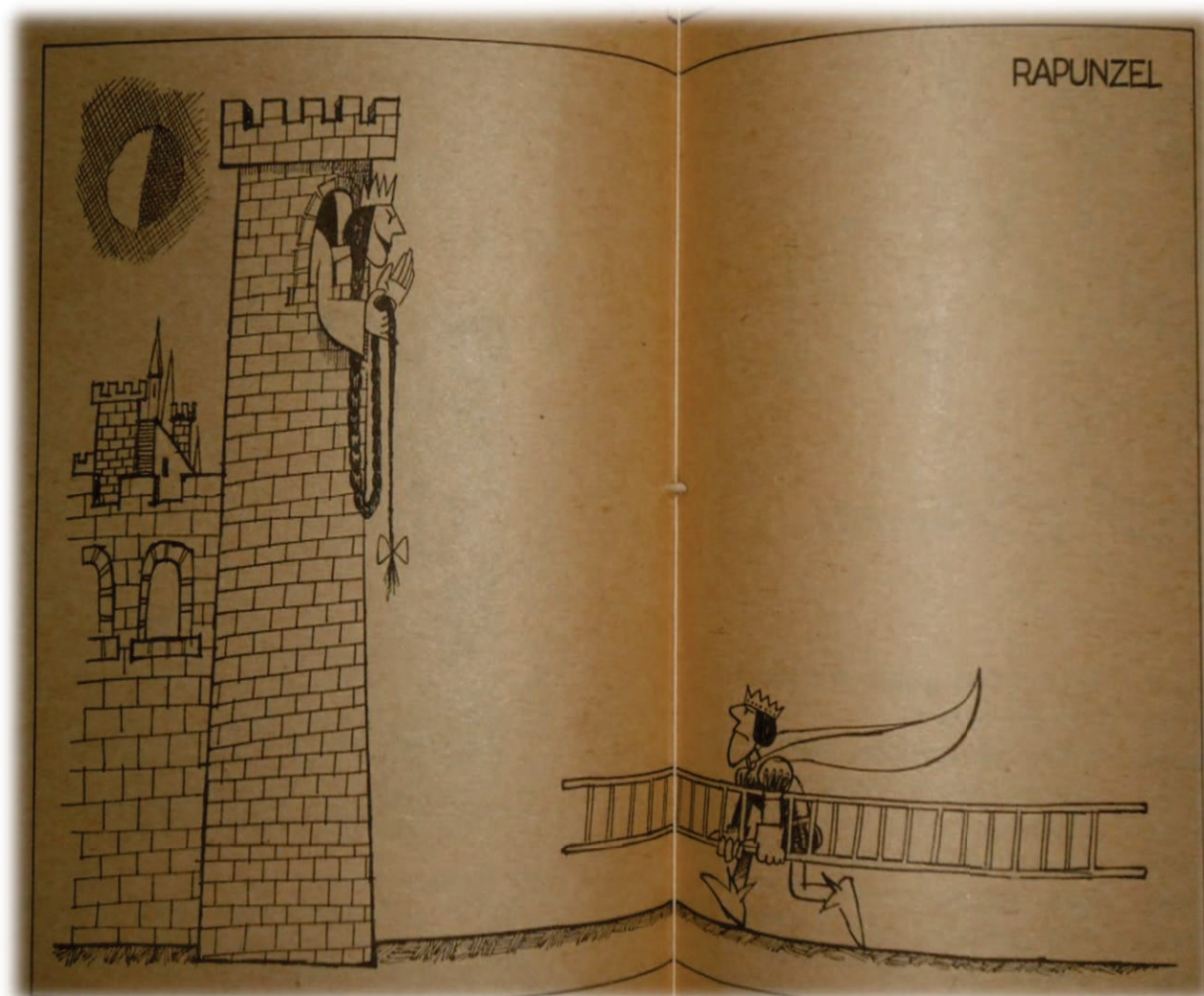
A declaração de Adalgisa reforça os contornos de Ziraldo que produziu através de suas charges um discurso poderoso de aversão às mulheres feministas e suas reivindicações. A declaração de Adalgisa é solidária à impressão de Ziraldo sobre o feminismo, o que reforça o potencial de suas charges para a produção de um poderoso discurso gráfico de aversão às mulheres feministas e sua protagonização política.

E o deboche não parou por aí. Nessa mesma edição, Ziraldo riscava os novos contos de fadas baseado na perspectiva feminista.

IMAGEM 18



IMAGEM 19



No conto de fadas de Ziraldo, o chargista desenha o feminismo como uma inversão dos papéis sociais atribuídos à homens e mulheres. Através de uma geometria visual propõe ao seu destinatário pensar o feminismo como uma constante luta entre os sexos, em que o objetivo principal das mulheres era assumir os papéis históricos atribuídos aos homens. Os traços quadrados, as expressões masculinizadas nos semblantes de suas personagens e o uso de uma linguagem “agressiva” por parte dos novos contos de fada delineiam representações poderosas sobre a leitura do feminismo realizada pelo chargista.

A fada feminista e a (re) leitura dos contos de fadas realizada pelo chargista é indiciária do caloroso cenário de setenta e da atuação das mulheres nesse período. Sob as lentes de gênero questionamos por que o feminismo é traçado por Ziraldo e até mesmo por mulheres politizadas como um reverso do machismo? Seus traços e textos nos convidam a uma leitura intrigante das representações dessa nova onda de mulheres e suas protagonizações. Como foram lidas? De onde foram lidas e de que forma foram grafadas? Como um termômetro de época as charges evidenciam uma mudança de comportamento por parte das mulheres no país o que nos convida a problematizar a imagem para além da ideia de mera testemunha do tempo.

IMAGEM 20



IMAGEM 21



IMAGEM 22 E 23

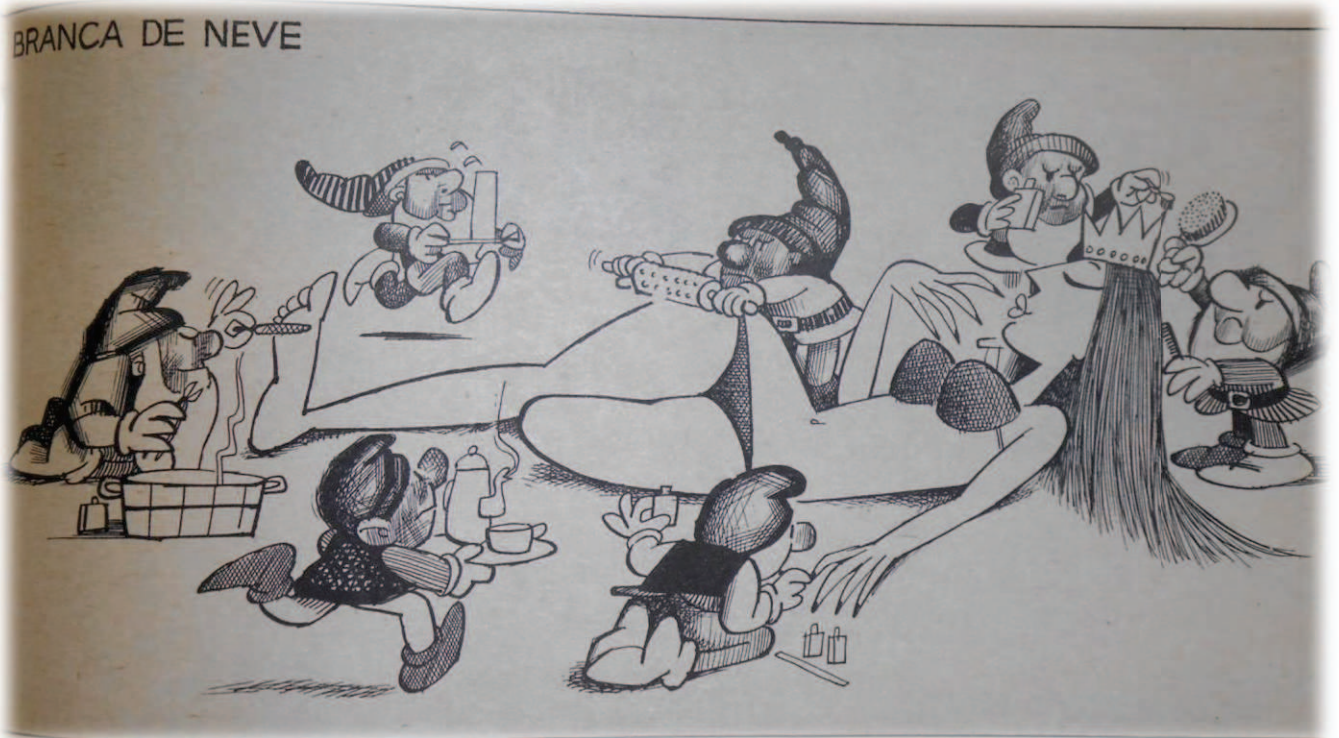
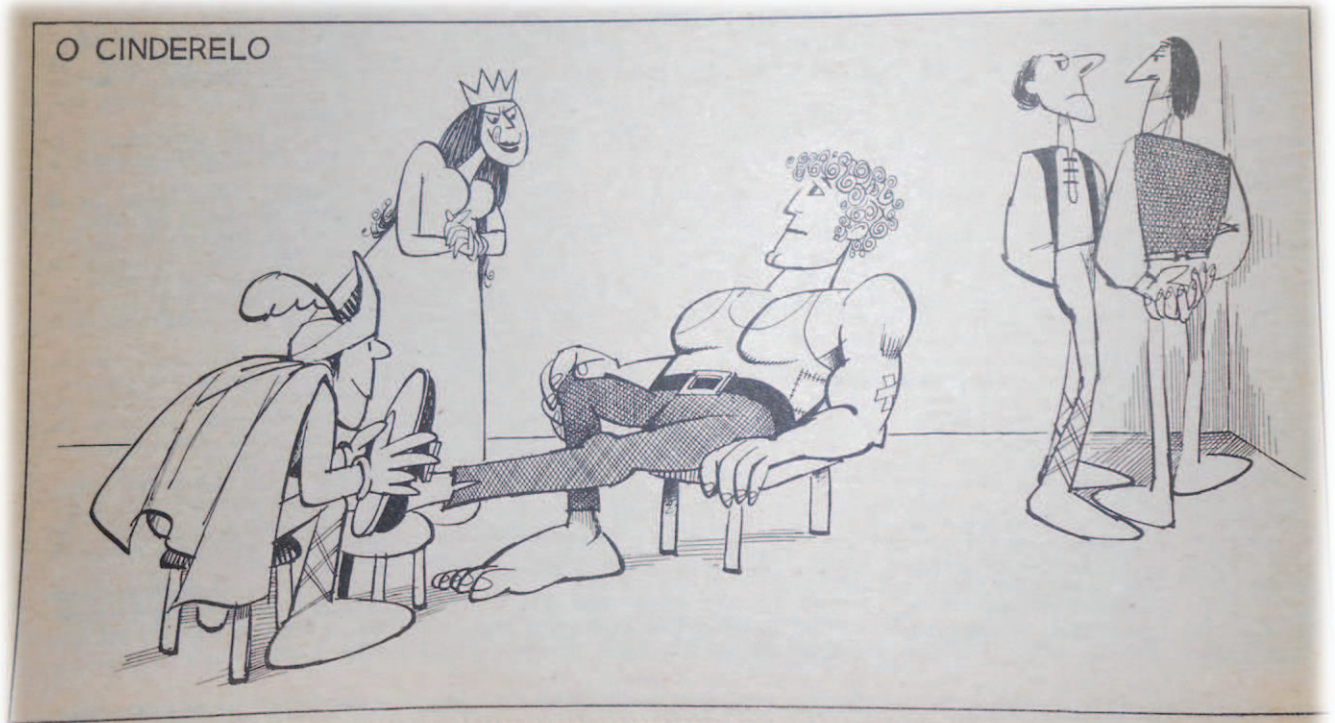
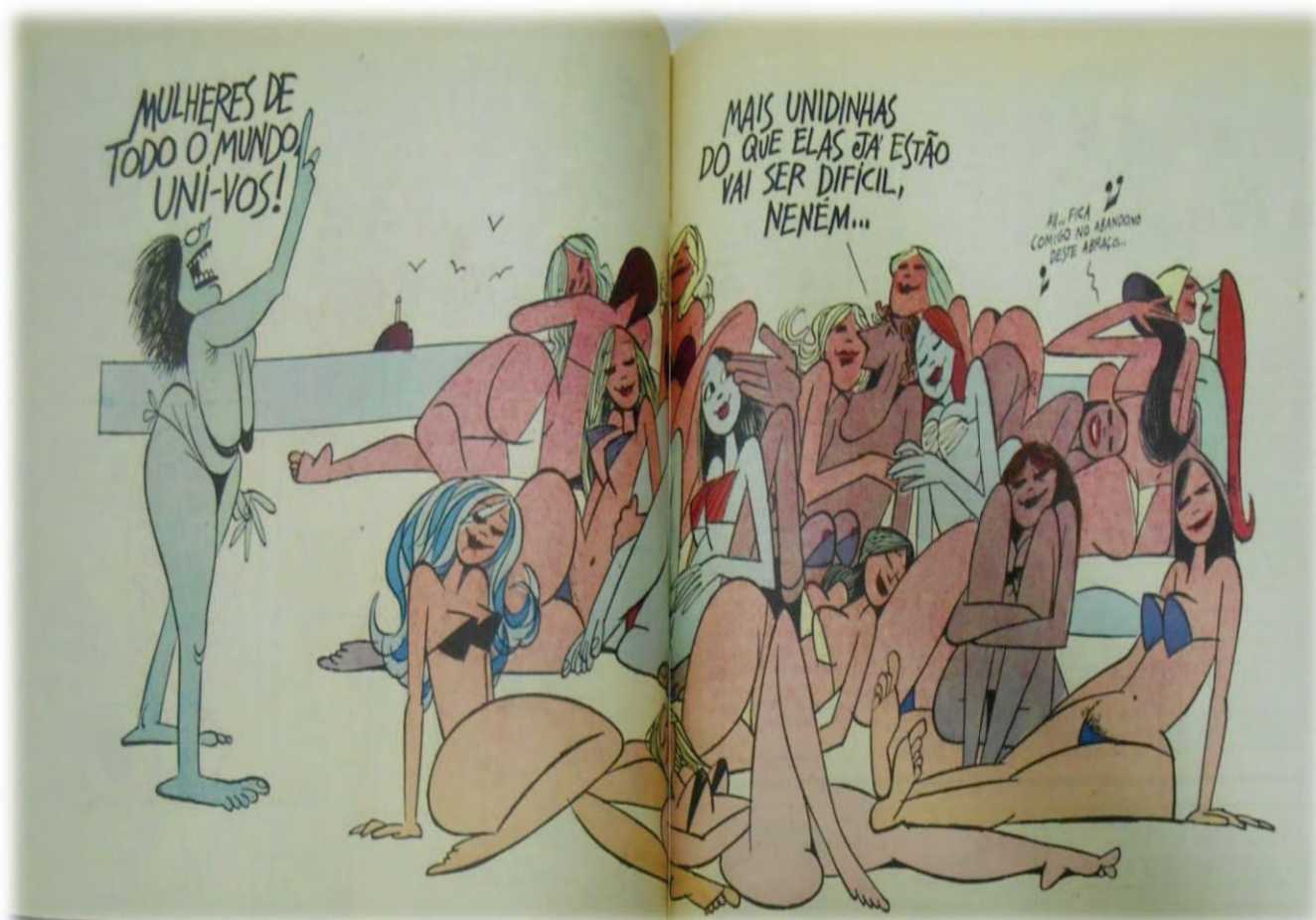


IMAGEM 24



A divulgação dos ideais feministas ocuparam vários setores da sociedade, inclusive as mais estratégicas como as revistas femininas da época. A fala proferida pela mulher cinzenta, feia e histórica (a feminista sob o traço do chargista) é uma referência ao artigo “Mulheres de todo mundo: uni-vos”, publicado nesse período no Brasil, numa clara convocação as mulheres do mundo inteiro com o objetivo de minar as estruturas de uma sociedade sedimentada na superioridade masculina. O discurso de ordem da esquerda

tomou novo significado nas vozes feministas que criticavam abertamente a condição da mulher brasileira, inclusive dentro da própria esquerda.

Já o artigo “mulheres de todo mundo: uni-vos”, marca o início do feminismo contemporâneo, mas criticava a situação brasileira: adotando como sua clássica palavra de ordem aos operários, as mulheres do mundo inteiro lançam uma nova e decidida ofensiva para demolir as estruturas de uma sociedade baseada na superioridade masculina. (Priore. 2011.p.182)

O feminismo é impresso por Ziraldo como um movimento de mulheres feias, histéricas, cinzentas e assustadoras (conforme a charge acima). Como um território ocupado pelo olhar do outro as mulheres e mulheres feministas traçadas pelo chargista evidenciam a importância dessa forma de humor gráfico como objeto de estudo por aquilo que mostra, diz e não diz sobre os acontecimentos revelados.

Mediante uma análise sistemática pensamos como Ziraldo traçava seus alvos, que quando lidos, provocavam estilhaços de risos por onde passaram! E são por esses estilhaços que tentamos desvendar os contornos sociais pincelados pelo chargista no que se refere às reivindicações e atuações das mulheres nesse período. Munida da categoria gênero⁵ como instrumento de análise, lemos o Pasquim e nos questionamos: Esse fenômeno da imprensa alternativa pode ser considerado transgressor e inovador quando analisado sob as lentes dos estudos de gênero? Teria a imagem, no caso em questão as charges, um potencial específico de produção das desigualdades de gênero? Exerceria o riso, efeito da charge, um papel chave para a produção dessas desigualdades? Qual seria a importância da (re) leitura dessas charges e do riso provocado por elas, sob a perspectiva de gênero? E ainda, qual a importância dessa nova leitura para a produção historiográfica? São vários os questionamentos que permeiam essa temática, mas nos limitamos ao enfoque do potencial das charges e do riso provocado por elas para a construção de uma representação das tramas que as tecem.

⁵ As discussões sobre as relações de gênero, que conforme Scott pode ser brevemente entendida como “um elemento essencial das relações sociais baseado nas diferenças sociais percebidas entre os sexos (...) o gênero é uma forma primária de dar significado as relações de poder” (SCOTT: 1995 p. 86).

Tomando as representações do que é ser mulher e o que é ser feminista na ótica do chargista, percebemos como as relações de gênero permeiam os mais diversos discursos dentre eles o discurso gráfico. Mas afinal, o que são relações de gênero; Em que sentido essa nova categoria contribuiu para dar visibilidade a História das mulheres e ao mesmo tempo inaugurar uma nova maneira de ver e pensar o mundo tecendo também uma nova forma de ler e de se escrever a História.

Em seu estudo “Traduzindo o debate. O uso da categoria gênero na pesquisa histórica”, Joana Maria Pedro realiza uma espécie de mapeamento da trajetória da categoria que se desenvolveu através dos diálogos com outros movimentos sociais dentre eles o movimento feminista. Mais do que a tradução de um debate, Pedro nos apresenta a dinâmica de várias categorias surgidas no interior do movimento (mulher, mulheres e enfim gênero), que buscam antes de tudo uma explicação para a condição subalterna das mulheres na História. Assim, não é objetivo da autora refletir ou analisar sobre o surgimento dessa categoria, mas evidenciar sua trajetória e sua relação de “tributação ao movimento feminista”, que, denunciavam além da subordinação das mulheres, o caráter universal atribuído ao sujeito masculino.

É a mesma perspectiva aqui já apresentada pela historiadora Margareth Rago, que defende a contribuição do feminismo para as transformações ocorridas na produção do conhecimento histórico, ao denunciar o caráter particularista, ideológico racista e sexista da ciência moderna. Potencializada pela crítica pós – moderna que denuncia a ilusória neutralidade do sujeito no discurso, onde não se pensa sua dimensão sexualizada, a crítica feminista aponta o discurso científico da racionalidade como um campo “ensimesmado, isto é, a partir da lógica de identidade e que não dá conta de pensar a diferença”. Para essa autora, a ciência tem uma identidade e é ela masculina, branca e ocidental, conseqüentemente, excludente.

Pensa-se a partir de um conceito universal de homem, que remete ao branco-heterossexual-civilizado-do-primeiro-mundo, deixando-se de lado todos aqueles que escapam deste modelo de referência. Da mesma forma, as práticas masculinas são mais valorizadas e hierarquizadas em relação às femininas, o mundo privado sendo considerado de menor importância frente à esfera pública, no imaginário ocidental. (RAGO.1998.p.04)

Assim, considerando que as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferente da masculina, que se propõe na busca de uma nova linguagem e de um contra-discurso, é que se projeta a possibilidade de uma episteme feminista, que se quer potencialmente emancipadora. Mais do que uma consciência e uma nova possibilidade do fazer historiográfico, a perspectiva aberta por Rago, nos alerta para a importância de uma releitura da História e da operação histórica, convidando a comunidade das (dos) historiadoras (es) a visitar suas fontes, baseando-se nos traços deixados pela memória, pelos símbolos, emblemas e sinais do passado.

Como Ziraldo riscou o movimento feminista de setenta? Que representações foram impressas? Qual a memória preservada sobre a atuação das mulheres feministas?

Para Le Goff (2003, p.421), a memória é mais do que um “conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações do passado ou que ele representa como passadas”, ou seja, mais do que a capacidade de reter informações a memória destaca-se em sua capacidade de agir, de atualizar e produzir sentido, ou seja, quando acionada ela age e interage socialmente o que levam alguns estudiosos a destacá-la como resultados de sistema dinâmicos de organização. Considera ainda “que o ato mnemônico fundamental é o “comportamento narrativo”, que se caracteriza antes de tudo pela sua função social, pois se trata de comunicação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo. E mais, para esse mesmo autor há um caráter crucial e como mais abrangente do que geralmente observam os estudiosos de memória. Falar em memória é imbrincar pela área da biologia, fisiologia, psicologia e outras áreas que a discutem. Mas vai além. Mais do que a capacidade de reter informações a memória destaca-se em sua capacidade de agir, de atualizar e produzir sentido, ou seja, quando acionada ela age e interage socialmente o que levam alguns estudiosos a destacá-la como resultados de sistema dinâmicos de organização. Le Goff, ao contrário de alguns estudiosos não supervaloriza uma noção de memória sobre a

outra, as concebe enquanto diferenciadas exaltando ainda a riqueza das sociedades de memória oral. Mais do que uma transformação técnica, o desenvolver da memória coletiva baseado na escrita traz mudanças no interior do psiquismo. Nesse tempo que é o tempo dos filósofos a memória é laicizada que combinada à invenção da escrita permite aos gregos criar novas técnicas de memória a *MNEMOTÉCNICA*, que de forma simplificada pode ser definida como método de memorização. O desenvolvimento das civilizações, o crescimento do comércio, e novo delinear urbano interferem nas condições e forma de memorizar.

São também os gregos que pensam o caráter ativo da memória no ato de rememorar. Ao estabelecer uma diferença na memória das coisas e memórias das palavras os gregos introjetam o caráter ativo das imagens no ato de rememorar. Para os gregos a memória é acessada pelas imagens, o que Na Idade Média Agostinho classifica como zonas da memória. Tal percepção que se destaca pelos estudos do filósofo Simônides que provocou grande mudança na forma de pensar a memória. Tal assertiva se confirma na Baixa Idade Média que herdando tal raciocínio se caracteriza como um período de pensar a memória através das imagens.

Os gregos divinizaram e laicizaram a memória provocando mais do que inovações técnicas, construindo uma nova maneira de criar a memória e conseqüentemente o de se fazer História. Primeiramente falada depois escrita a memória enquanto narrativa influencia diretamente na formação das identidades coletivas. Os homens refletem seu passado através da memória, e esta enquanto fator condicionante da memória é a narrativa, questionamos que memória foi estabelecida do ser feministas nas charges consagradas ainda hoje, publicadas no Pasquim durante a década de setenta.

Mais do que um novo olhar lançado sobre antigas fontes esse estudo propõe uma nova possibilidade do fazer historiográfico. Alerta, antes de tudo, para a importância de uma (re) leitura da História e da operação histórica em nossa historiografia. O traço como rastro e seu aspecto revelador de sentidos quando analisado sob a ótica de gênero.

Ícone da imprensa alternativa nos anos de chumbo do Brasil, o periódico O Pasquim é comumente reverenciado em nossa historiografia como um desses fenômenos do risível. O sucesso do Pasquim pincelou tempos, imprimiu traços e atualizou significados! As “melhores” charges do Pasquim produzidas pelo cartunista Ziraldo foram selecionadas em um livro álbum que reverencia seu traçado sobre aqueles anos de

chumbo. “O Pasquim foi o fenômeno mais original do jornalismo impresso nos anos de chumbo... e Ziraldo foi o resumo dessa revolução...”

É assim que o periódico e o chargista são consagrados na obra “Só dói quando eu rio. Treze anos daqueles tempos contados pelo humor de Ziraldo”, publicado em 2010. A obra com as “melhores charges de Ziraldo” e as que mais “fizeram rir” naqueles tempos, reeditam mais do que meras imagens, transpondo no tempo e na memória poderosas representações. Mais que um ato de rememoração, a obra constitui uma (re) atualização dos sentidos daquele tempo. Os hábitos, a cultura, a moda, o jeito de pensar. Um tempo escoado é reeditado sob os traços de Ziraldo nesse livro, inclusive sua visão as mulheres e às mulheres feministas.

Só dói quando eu rio é própria piada-metáfora do estado de espírito de então – um país como que atravessado por uma espada e precisando rir. Pode se reconstituir aquele período, fazer sua antropologia - os usos e costumes, cultura, ideias, maneiras de pensar e dizer – por meio das palavras e imagens das charges, cartuns e dicas, em suma, do humor polifônico desse esterno menino maluquinho. (ZIRALDO. 2010. pág.05)

O prefácio escrito por Zuenir Ventura ⁶convida seus leitores a pensar imagens como um lugar de mundo, pincelando maneiras de pensar e representar este mundo. Assim como os textos os contornos de Ziraldo nos convidam a leitura de uma trama e de uma época que, sob os riscos do chargista, dar-se a ver e dar-se a rir. Sob a ótica de gênero⁷os traços e risos se dão como significantes e abrem possibilidades para novos significados.

⁶ Zuenir Ventura é jornalista e escritor. É colunista do jornal O Globo.

⁷ As discussões sobre as relações de gênero, que conforme Scott pode ser brevemente entendida como “um elemento essencial das relações sociais baseado nas diferenças sociais percebidas entre os sexos (...) o gênero é uma forma primária de dar significado as relações de poder” (SCOTT: 1995 p. 86).

2. Capítulo II: Modos de ver: o feminismo sob os riscos de Ziraldo

A publicação dos Annales em 1929 com Lucien Febre e Marck Bloch, possibilitou o surgimento de uma prática histórica, contrária ao modelo tradicional. Os princípios antes baseados na confecção de uma história objetiva, factual e erudita, dão lugar a produção de uma história estrutural contrária aquela, baseada na narrativa. A corrente inovadora dos Annales prega a importância da longa duração, desprezando o factual. Instaura uma preocupação com o econômico e com a organização social, além de uma forte preocupação com a psicologia coletiva, proporcionando uma aproximação constante da história com outras disciplinas.

O questionamento da produção histórica concentrada na política, nos grandes feitos, nos grandes heróis, cuja documentação restringe-se a textos oficiais, limitando o ofício do historiador/a, a mera narração dos fatos históricos, na tentativa de se fazer aquilo que os tradicionalistas nomeavam de uma História objetiva, vai sendo refutado em busca de uma História que possa ser interdisciplinar, baseada na estrutura e na diversidade de fontes documentais. Se antes a documentação era relativa ao evento e ao seu produtor, agora ela é relativa ao campo econômico-social: ela se torna massiva, serial e revela também o duradouro, a permanência e as estruturas sociais. Se antes a documentação era relativa ao evento e ao seu produtor, agora ela é relativa ao campo econômico-social: ela se torna massiva, serial e revela também o duradouro, a permanência e as estruturas sociais.

Mais do que proporcionar uma nova forma de pensar, a escola inaugurou a perspectiva de novas pesquisas e objetos, inclusive a imagem. Adotada como um importante documento nessa nova corrente historiográfica, a imagem se tornou fonte no olhar atento do historiador. E defendemos aqui a ideia de Bloch que postulou a noção de documento como vestígios que revelam a presença e as marcas humanas deixadas no passado. E mais, concordamos ainda quando este afirma que, é o olhar lançado pelo historiador que transforma o documento em fonte.. É preciso ultrapassar o sentido iconográfico de testemunha do tempo que permite a imagem. É preciso questioná-la e dela escutar respostas. É preciso esmiuçá-la e ultrapassar seu mero caráter ilustrativo ou de prova temporal. Apesar de não ser a realidade, a imagem está imbuída de aspectos dela. A imagem não esgota em si mesma, é uma espécie de elo entre a realidade representada e outras realidades. A imagem não é o retrato fiel da verdade, mas sua

importância consiste nas diferentes historicidades e temporalidades que a emolduram a cada época.

É preciso problematizar a imagem e convocar o leitor a pensar o papel de ação da mesma, já que esta não foi produzida em um campo paralelo à realidade que a concebeu. Mais do que conceitos, categorias ou reflexões teóricas, é preciso antes de tudo um novo modo de ver. Em sua obra aqui já citada, “A aventura de contar-se”, Margareth Rago, propõe seus leitores a pensar sobre o efeito do feminismo na cultura brasileira nos últimos quarenta anos. O retrato que se faz do movimento feminista brasileiro, com seus rostos, corpos e nomes traz a tona a importância da organização e articulação das mulheres feministas da década de setenta.



Quadradas, feias, desproporcionais em sua geometria gráfica as mulheres feministas de Ziraldo são cinzentas e pesadas. Da composição dos dentes, dos olhos, sapatos pontudos e uma histeria visível, as feministas de Ziraldo são mais do que um mero conjunto de traços. As charges de Ziraldo são indiciárias de um imaginário social que tenta constantemente desqualificar a ação das mulheres e principalmente das mulheres feministas. Estas em sua maioria, componentes da esquerda da época, sofriam com a dupla opressão: do estado e de seus próprios companheiros de luta.

Assumidamente de esquerda, mas em ruptura do que se convencionou chamar de esquerda tradicional, desconfortáveis com a estrutura política partidária masculina, tiveram ativa participação política na luta contra a ditadura militar e continuam lutando no regime político. Algumas foram encarceradas, outras exiladas. Feministas, denunciaram e continuam denunciando as inúmeras formas de violência sexual, física, ou simbólica, que aniquilam as possibilidades de inscrição diferenciada das mulheres o mundo público e no privado. (RAGO, 2014, p.35)

Como é possível a produção desse tipo de representação? Como são legíveis? Tomados por esses apontamentos, pensamos as mulheres feministas elaboradas pelo chargista como elemento estratégico de representação e como um lugar de poder. Caracterizada pelo uso de uma linguagem polêmica, pela metáfora que a cerca exige uma grande atenção daquela que a observa, a charge objetiva uma apreensão das relações de poder do real, que sob os riscos do enunciador, revela sob seus traços e sob seus textos uma amálgama de sentidos e intenções que dão se a ver e dão - se a rir.

O que representa os corpos femininos e feministas produzidos pelo chargista? Que discursos são esculpidos em tornos desses corpos? Inquietações como essas que nos levam a ainda questionar: Nossos corpos nos pertence?

2.1 Nossos corpos nos pertence?

O grito que ecoou de milhares de corpos femininos durante a efervescente década de setenta, que denunciava o corpo como um lugar de poder, como um lugar de repressão, permanece historicamente investido de significados e sentidos ao longo da História.

A perspectiva acima não é recente nos debates historiográficos. O corpo, o sexo e sexualidade seduzem cada vez mais pesquisadores e pesquisadoras que se debruçam sobre esse lugar de operação do poder. Mais interessante do que afirmar o corpo como objeto do pensamento é se questionar: Quando e como o corpo se tornou o coração nos debates culturais? Em que momento da História este entrincheiramento, emergiu como um campo de batalha na ciência Histórica? A emergência do corpo como objeto da História reflete antes de tudo um novo olhar lançado sobre esse território.

Movidos pela vontade de saber Michel Foucault (2011), chamou atenção para pensarmos os mais diversos lugares sociais como lugares de operação de poder. Inquieto e curioso esse filósofo se interessava pelas mais diversos mecanismos de controle exercidos nas mais diversas instituições sociais. A loucura foi seu grande tema e as formas de disciplinarização das mentes e dos corpos dos considerados "loucos" sua principal denúncia. A disciplinarização dos corpos dos identificados como o desvio da normalidade, o louco, torna-se o objeto do pensamento desse filósofo quando propõe pensar as dispersões e expressões das relações de força que emergem na sociedade. Mais do que propor novos campos e denunciar as minúcias onde o poder opera, as ideias de Foucault provocaram efeitos arrasadores nas bases epistemológicas da ciência e da ciência histórica. Amparada por essa perspectiva que entende o sexo e a sexualidade como fator discursivo e não biológico, o feminismo da voz a crítica do modelo tradicional e dominante de ciência.

A necessidade de se pensar em uma epistemologia feminista e os efeitos dessa na historiografia, já foi abordada nesse trabalho. Mais do que uma nova modalidade de discurso, o feminismo constitui-se como uma crítica em potencial ao modelo tradicional e dominante de ciência, que por sua vez, não ocorreu de forma isolada, solidarizando-se e dialogando com um aparato teórico da Psicanálise, da Hermenêutica, da Teoria Crítica

Marxista, do Desconstrutivismo Pós Moderno, a crítica feminista provocou uma ruptura teórica e desestabilizadora no conceito de ciência e conhecimento científico.

O movimento feminista foi responsável por dar uma grande visibilidade às mulheres em todos os espaços da vida social, política e cultural. A crítica as velhas práticas femininas e o repensar das mesmas possibilitou que as mulheres politizassem o lar, o privado e as práticas simbólicas. E politizar também significa (re) pensar sua prática e atuação. Essa nova forma de ver e fazer a história das mulheres impulsiona inclusive as historiadoras feministas, que mais do que tentar dar visibilidade as mulheres nos estudos de história anunciaram uma nova prática histórica. Isto porque ao se debruçar nos estudos das mulheres na história, as (os) estudiosas (os) se viram sem um aporte teórico e documental que pudesse auxiliá-las (os). O silêncio e o silenciamento das mulheres na História chamam a atenção das (dos) historiadoras (es), para o lugar de articulação do discurso, ou como propõe Foucault “a colocação do sexo em discurso”. Quem fala? Para quem Fala? De onde se fala? Novas experiências, novos olhares, possibilitam o surgimento de uma Nova História.

Nessa perspectiva é que Rago nos convoca para a produção de um discurso histórico diferenciado, uma espécie de leitura feminista da história “que seja capaz de criar novos conceitos e chamar a atenção para campos de problematização e para fontes documentais até então ignorados ou subestimados”. (RAGO. 1996. Pág.18)

Repito abordar imagens como fonte já não consiste numa prática exclusiva dos estudiosos da arte, pelo contrário, tem sido uma constante entre as (os) historiadoras (es) culturais. Necessário se faz pensar a imagem para além da ideia de testemunha ocular, possibilitando o surgimento de outras análises no mínimo interessantes quando abordadas pelo historiador da imagem. Pensar a imagem para além do seu aspecto visual, focando o visível como objeto pensante. Ao se aproximar do campo visual, a (o) historiadora (or) reteve, quase sempre, exclusivamente a imagem — transformada em fonte de informação. Conviria começar, portanto, com indagações sobre a percepção do potencial cognitivo da imagem para compreendermos como ela tem sido explorada, não só pela História, mas pelas demais ciências sociais e, antes disto, no próprio interior da vida social, na tradição do Ocidente.

Joan Scott em seu estudo “A invisibilidade da experiência” (1998), já demonstra em seus estudos a importância de se problematizar o fenômeno do visível, ou em suas palavras o tornar-se visível.

Retomando a experiência de Delany (homem gay, negro, escritor de ficção científica, Delany relata sua reação a uma primeira visita à sauna de St. Marks em 1963, o qual ressalta "uma massa ondulada de corpos masculinos nus espalhados pelas paredes. Para Scott, Delany quer tornar visível o silêncio imposto a essa massa que se aglomera sob o discurso do esquecimento, seu objetivo é o de "quebrar um silêncio público absolutamente sancionado nas questões de prática sexual, revelar algo que existira, mas que fora suprimido". (SCOTT. 1998). Para a esta autora o ato de Delany tem correspondido ao ofício das (dos) historiadoras (es), que tem por função documentar as vidas omitidas ou negligenciadas em relatos do passado. Amparados na autoridade da experiência (tomando esta como um caráter de prova e de verdade) os historiadores tem reivindicado a visibilidade dos excluídos como prova incoteste da experiência "como uma ampliação do quadro, uma correção daquilo que fora negligenciado". (SCOTT, 1998, p.297)

Mas será que evidenciar a experiência do sujeito finaliza o ofício da (do) historiadora (o)? Somente tornar visível a experiência dos sujeitos na história torna-se problemático. Para Scott: esse tipo de apelo à experiência como prova incontestável e como ponto de explicação originário é o que enfraquece o impulso crítico da história da diferença. Tomam como auto evidentes as identidades daqueles cuja experiência está sendo documentada, e dessa forma tornam naturais as diferenças. Para a autora pensar os sujeitos históricos através da evidência (como prova) diminui ou impossibilita pensar o potencial construído dos sujeitos em suas experiências, ou seja, já se pensa a diferença a partir de uma lógica indentitária provinda de uma posição universal do sexo. Ao invés de pensar como a diferença foi estabelecida, como elaboram sujeitos que veêm e atua no mundo, a experiência trabalhada como evidência limita-se ao visível. A identificação reproduz mais uma lógica da diferença do que a contesta, transformando o espaço do outro num campo de expansão para um sistema de produção.

A autora propõe que é preciso pensar o conceito da experiência para além de uma ideia de "constituída de sujeitos" e também como constituidora deles. Experiência assim compreendida torna-se não a origem da explicação e sim o que se procura explicar. Pensá-la como ação ou como operação é historicizá-la, bem como historicizar as identidades que ela produz. Mais do que evidenciar as representações e experiências de gênero nas charges de Ziraldo essa pesquisa consiste em pensar como essas experiências referenciadas nas charges do Pasquim foram lidas coletivamente, como

circularam e como foram recebidas. Para além de um uso de testemunho do tempo, pensaremos seu potencial de ação no tempo, como foram apropriadas, reelaboradas, internalizadas, ou seja, como acionaram uma cadeia de sentidos que se cristalizou na memória social.

Historiadoras (es) de gênero tem se lançado cada vez mais sobre esse campo, ao transpor a função da imagem como mero aparato ilustrativo, dando a esta um entendimento muito mais amplo e complexo.

Para melhor compreendermos esta complexidade levamos em conta o estudo de Le Goff, sobre como a (o) historiadora (o) deve proceder diante da “leitura” de seu documento. Este defende que o documento deve ser analisado enquanto um monumento, ou seja, “como fruto de relações de força de uma determinada sociedade, que traz de forma oculta, ou não, um discurso que permeia a trama social”. E completa: “o documento é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder”. Só a análise do documento enquanto monumento permite ao historiador uma análise mais densa e complexa que permeie as margens dos discursos sexistas grafados socialmente. (Le Goff, 2003, p.525)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo procuramos explicitar a tensão dos discursos enunciados pelas charges de Ziraldo no periódico *O Pasquim* durante a década de setenta, em contrapartida com o discurso feminista que se articula nesse mesmo período. Inserido no processo de uma conservadora modernização vivenciado pelo país, as feministas politizam o público e o privado deslocando o eixo da concepção do ser mulher, atrelado historicamente à maternidade, à esfera privada e ao casamento. No exercício de análise das charges de Ziraldo, foram suscitados alguns questionamentos, e que, a partir da sensibilidade e experiência do olhar, nos convida a uma interpretação mais aguçada por parte da (do) historiadora (or) de imagens.

Realizamos então a leitura dos traços das charges de Ziraldo, que dão a ser lidos como textos, onde traços, riscos e rabiscos se dão como significantes, e que sob a ótica de gênero, revelam-se como poderosos significados. Qual a imagem projetada do movimento feminista no Brasil? De que forma foi operado por seus divulgadores? Como foram lidas e ridas? Assim, a charge, objetiva uma apreensão das relações de poder do real, que sob os riscos do enunciador, revela sob seus traços e sob seus textos uma amálgama de sentidos e intenções que dão se a ver e dão - se a rir. Geralmente apresentada como desenho único, embora não seja regra, a charge retrata de forma crítica um acontecimento, um fato “que geralmente sofre intervenção do artista, seja retocando-a ou inserindo algum elemento verbal imagético a fim de torná-la cômica” (SILVA, 2008, p.236).

Dessa forma, o potencial linguístico da charge ganha força pelo encontro da escrita com o desenho, tornando esse elemento linguístico singular pelo hibridismo atribuído à sua linguagem. Apesar de comumente tratadas como cartum ou quadrinhos as charges apresentam componentes divergentes fundamentais do humor gráfico. Uma charge não se trata meramente de uma ilustração, ela consiste na possibilidade de seu autor imprimirlas de valores, signos e significados. A comicidade nem sempre é seu objetivo final, mas é uma constante na composição e recepção da obra.

As formas perceptíveis na charge se materializam por meio da escrita e do desenho sendo a síntese olho-ouvido resultando o vestígio que testemunha e registra a ocorrência de signos sociolinguísticos, culturais, ideológicos, psicológicos presentes a um só tempo nesse tipo de produto cultural. (FLORES, 2002, p.03)

Diferentemente da caricatura e do cartum a charge visa à apreensão do real. Seus traços partem da realidade que a cerca onde razão e o humor compõem a narrativa. Com recursos gráficos que lhe são próprios, a charge representa situações políticas cotidianas, hábitos, comportamentos. A caricatura por sua vez visa essencialmente a reflexão, a crítica, a composição física é seu próprio limite. Todavia a arte gráfica, dentre ela a charge, está intimamente relacionada com o sentido cômico desde o século XVIII. Mesmo não sendo a regra o riso e como uma espécie de sombreamento da charge.

Esmiuçando sua pesquisa cita Gawryszewsky:

A verdade é que a caricatura ou a charge pode ir muito além da simples representação de algum fato ou personagem, pois pode revelar, denunciar, aos olhos do desenhista a, toda uma estrutura de dominação. Há portanto, dois lados da caricatura política: pode atacar ou defendem um personagem, uma ideologia, um poder em si (...) O certo é que a caricatura política ou social raramente pode levar ao riso despreocupado, como acontece com o desenho humorístico.(GAWRYSZEWSKY,2008, p. 19).

Os risos, provocados pelas charges, comportam-se como elementos poderosos e indiciários de uma determinada sociedade, reveladores dos dilemas de cada época Mais do que um fenômeno físico o riso constitui-se como um grande objeto da história. O riso está em todos os lugares: nas ruas, nos jornais, na internet, no celular. Fenômeno universal, o riso e seu potencial subversivo foi interesse dos historiadores soviéticos em meados do séc. XX. Mas o interesse pelo fenômeno do riso está longe de ser novo.

O homem é o único animal que ri! Desde a antiguidade essa singularidade humana desperta curiosidade de estudiosos das mais diversas áreas na tentativa de compreender

o fenômeno do riso e do risível⁸. Aristóteles já alertava para seu potencial subversivo, Freud apontou as relações do humor com o inconsciente e seus efeitos no campo do cômico, Bergson, além de ressaltar seu aspecto cognitivo, alertou que o riso não possui uma essência e sim uma história, afirma que o terreno da comicidade não pode ser limitado apenas em seu aspecto cognitivo, devendo a (o) historiadora (or) procurar a essência do riso e do cômico no terreno da sociedade. Nesta perspectiva tomamos como objetos do pensamento o riso e o risível que se propõem como lugares privilegiados de uma maneira de se ver e de se compreender o mundo. Afinal, por que se ri? Como se ri? De que, do lado de quem e contra quem se ri?

Os estudos contemporâneos apontam para uma perspectiva que tratam o visível e risível no contexto de oposição entre a ordem e o desvio, “o riso revelaria o não normativo, que o desvio e o indizível fazem parte da existência” (MINOIS, 2003 p.33). Este potencial transgressor e desordenador é comumente associado ao fenômeno do riso e do risível, mas pouca se questiona o lugar de operação desse fenômeno.

Contudo atentamos para fala de Minois, (MINOIS, 2003) quando este propõe pensar o lugar de articulação do riso e do risível e por que não do visível. Quem faz ver? Quem opera o campo do que dar a ser visto e conseqüentemente a ser rido?

(...) foi o lugar do riso, na vida e na sociedade, que mudou, assim como o discurso sobre o riso, a maneira como ele é interpretado, analisado, percebido. O fato de terem lhe consagrado numerosos tratados, em todas as épocas, demonstra, ao menos, que todas as sociedades lhe conferiram um lugar importante, e a maneira como ele foi percebido é reveladora das grandes variações de mentalidade. (Minois.p.629)

A charge consiste na materialização da experiência do olhar de Ziraldo, que a partir de seu lugar social produziu um conjunto de significações sobre o que é ser feminista e feminina. Partindo dessa perspectiva e amparada pelos estudos de gênero é possível problematizar o fenômeno do visível e do risível provocado pelas charges, para além do que ele revela. Pensar como ele se opera e de que lugar se opera. Do riso autorizado para o riso historicizado.

⁸ Verena Alberti define risível como aquilo que faz rir.

Em sua obra “A Aventura de Contar-se” (2013), Margareth Rago, retrata através de relatos biográficos a memória do feminismo brasileiro. A autora mergulha num passado ocultado quase ignorado pela historiografia e através das narrativas pessoais dessas mulheres, ilumina a pluralidade de atuação do movimento feminista em nosso país. Cumprindo com que já anunciava em outros estudos, essa historiadora aventura-se a contar a trajetória do feminismo no Brasil a partir da narrativa das mulheres que lutaram e participaram desse rico movimento e foram protagonistas na luta pela igualdade entre os sexos e pela redemocratização do país durante o conturbado cenário da década de setenta. Mais do que narrar suas histórias, a autora cumpre com sua proposta de uma nova prática historiográfica.

Abraçando tal perspectiva evidenciamos a inserção das mulheres e das mulheres feministas no espaço público, político e intelectual, e a leitura do chargista Ziraldo sobre a protagonização política dessas mesmas mulheres. Na inquietude da busca por um sentido para o passado feminista, revisitamos o Pasquim sob o olhar de gênero e apresentamos como as mulheres e as mulheres feministas transformaram mais do que uma época. Transformaram seus corpos, a si mesmas e a nossa História.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma (org.). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

_____. *Perspectivas Feministas e o conceito de patriarcado na Sociologia Clássica e no Pensamento Sociopolítico Brasileiro*. Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres, Rio de Janeiro, 5° ed. Rosa dos Tempos, 1997.

ALMEIDA, Maria Emília Sousa. *Pelo avesso da cultura; representações psíquicas do feminino*. Taubaté, Cabral Editora Universitária, 1997, 1° ed.

ALVES, PITANGUY. *O que é feminismo*/Branca Moreira Alves, Jacqueline Pitanguy – São Paulo: Brasiliense, 2003.

ARBACK, Jorge Mtanios Iskandar. *O fato gráfico. O humor gráfico como gênero jornalístico*. São Paulo:USP-SP .Tese de doutoramento em Ciência da Comunicação,2007.

BELLOTTI, Ellena Gianini. *Educar para submissão*. 6° edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas*, vol.1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. *O Riso: Ensaio sobre o significado da comicidade*. São Paulo:Martins Fontes, 2004.

BILA, Sorj. *Trabalho remunerado e trabalho não remunerado*. In: *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. Gustavo Venturi, Marisol Recaman e Suely de Oliveira, organizadores. – 1.ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseru Abramo, 2004.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*/Peter Burke; tradução Vera Maria Xavier dos Santos. EDUSC, 2004.

_____. *O que é História Cultural*/ Peter Burke, tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro. Zahar,2008.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, vol.10, n° 01/2002.

_____. Criticamente subversiva. In: Jimenez, Rafael M. Mérida. *Sexualidades Transgressoras. Uma antologia de estudos queer*. Barcelona: Icária Editorial, 2002.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**, Rio de Janeiro, n.11(5), 1991.

COSTA, Albertina de Oliveira. **BRUSCHINI**. (orgs.); Uma questão de Gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992

HAUSER, Arnold, *História social da Arte e da Literatura*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). *As Representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

LE GOFF, Jacques. *A História Nova/ sob a direção Jacques Lê Goff, Roger Chartier, Jacques Revel; tradução Eduardo Brandão. – 5° ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.*

_____. *História e Memória*. Jackes Le Goff; tradução Bernardo Leitão. Campinas SP. Editora Unicamp, 2003

LOURO, Guacira. L. Epistemologia feminista e teorização social: desafios, subversões e alianças. In: **ADELMAN, M; SILVESTRIN, C. B** (orgs.) **Gênero Plural**. Curitiba: UFPR, 2002.

MATOS, Maria Izilda e **FARIA**. Fernando A. Lupicínio Rodrigues o uno e o múltiplo nas representações do feminino e do masculino. In: *O Imaginário em Debate*. Maria Angélica Soller e Maria Izilda S. Matos (orgs.). Olho d' água, setembro/1998.

MENESES, Ulpiano Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Rev. Bras. Hist.* vol.23 no.45 São Paulo Julho 2003.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio/Georges Minois; tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. – São Paulo: editora: UNESP, 2003.*

MORAES. JOSÉ Geraldo Vinci de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. *Revista Brasileira de História*, vol. 20, n° 39, São Paulo, 2000.

MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais. Petrópolis. Vozes, 2001.

MURARO, Rose Marie. Os seis meses em que fui homem. Editora Rosa dos Tempos, rio de Janeiro, 2001.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Revista Estudos Feministas. Vol. 8, nº 2, 2000.

OLIVEIRA, Natali Gisele. Entre o engajamento e o desbunde: resistência e deboche no Pasquim (1969-1979). Disponível em :www.bibliotecadigital.ufmg.br

PAIVA, Eduardo França. História e Imagens. Editora Autêntica, 2004

PEDRO. Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. Endereço: <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>. Capturado em setembro de 2007

_____. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. Endereço: <http://www.scielo.br/pdf/topoi/v12n22/1518-3319-topoi-12-22-00270.pdf>. Capturado em outubro de 2014

PEREIRA, Verbena Laranjeira. Gênero: Dilemas de um conceito. In: Gênero e cultura: questões contemporâneas/organizadoras Marlene neves Strey, Sonia T. Lisboa Cabeda, Denise Rodrigues Prehn. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PERROT Michelle. Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. Michelle Perrot; tradução Denise Bottmann. _ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. Minha História das mulheres. Michelle Perrot. (tradução Ângela M. S. Correa). São Paulo: Contexto 2007.

_____. As mulheres ou os silêncios da história. Michelle Perrot. (tradução: Viviane Ribeiro). Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural/Sandra Jatahy Pesavento. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PRIORE. Histórias íntimas. Sexualidade e erotismo na história do Brasil.

RAGO. Margareth. Adeus ao feminismo. Feminismo e pós modernidade no Brasil. In. Cadernos AEL. Mulher, História e Feminismo. N 3-4, 1995/1996.

_____. Margareth A Aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade. Margareth Rago. Campinas –SP : Editora da Unicamp, 2013.

RODRIGUES. Carla. Butler e a desconstrução do gênero. Revista Estudos Feministas, vol. 13 n° 01, Florianópolis Janeiro/Abril de 2005.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento? Revista Crítica Marxista, São Paulo: BONTEMPO, n. 11, p. 71_75, 2000.

SALIBA, Elias Thomé A dimensão cômica da vida privada na República. In: NOVAIS, Fernando (org.). *História da vida privada no Brasil - República: da Belle Époque à Erado Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

_____. *As raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS. Dulce O. Amarante dos. Mulheres o cruzamento de dois imaginários. In: O Imaginário em Debate. Maria Angélica Soller e Maria Izilda S. Matos (orgs.). Olho d' água, setembro/1998.

SARTI. Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. Ver. Estudos Feministas. Vol. 12, n° 02. Florianópolis, 2004.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: A escrita da história: novas perspectivas/Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora UNESP 1992.

_____. (1991). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. (tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife, SOS Corpo.

_____. **A invisibilidade da experiência.**

SOIHET. Rachel. História das Mulheres e Relações de Gênero: algumas reflexões

Endereço: <http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/16.shtml>

Capturado em: Outubro de 2007.

_____. Preconceitos nas Charges de O Pasquim. Mulheres e a luta pelo controle do corpo.

Disponível: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/viewFile/1444/1293>

SOLLER, Maria; **MATOS**, Maria (orgs.). O imaginário em debate. Olho d'água, 1998.

SWAIM. Navarro Tânia. Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas femininas. São Paulo em Perspectiva. Vol. 15 n° 03, São Paulo, 2001.

ZIRALDO n'O Pasquim: só dói quando eu rio/Ziraldo – São Paulo: Globo, 2010.